



SEMANA
SANTA

LIBERTOS

O PREÇO DA VIDA

SERMONÁRIO





SEMANA
SANTA

LIBERTOS

O PREÇO DA VIDA

FICHA TÉCNICA

Organizador dos sermões: Pr. Everon Donato: Diretor de MIPES/DSA

Autores:

Pr. Adonirâm Alomía - Ministério Pessoal/UB
Pr. Everon Donato - Ministério Pessoal e ASA/DSA
Pr. Tiago Souza - Ministério Pessoal/ UNoB
Pr. Rubén Montero - Ministério Pessoal/ UPS
Pr. Edimilson Lima - Ministério Pessoal/UCB
Pr. Jomarson Dias - Ministério Pessoal /UCoB
Pr. Eber Nunes - Ministério Pessoal/USeB
Pr. Sidnei Silva Mendes - Ministério Pessoal/USB

Coordenador geral: Pr. Everon Donato – DSA

Secretária: Débora Silva

Diagramação: Claudia Suzana Rossi Lima

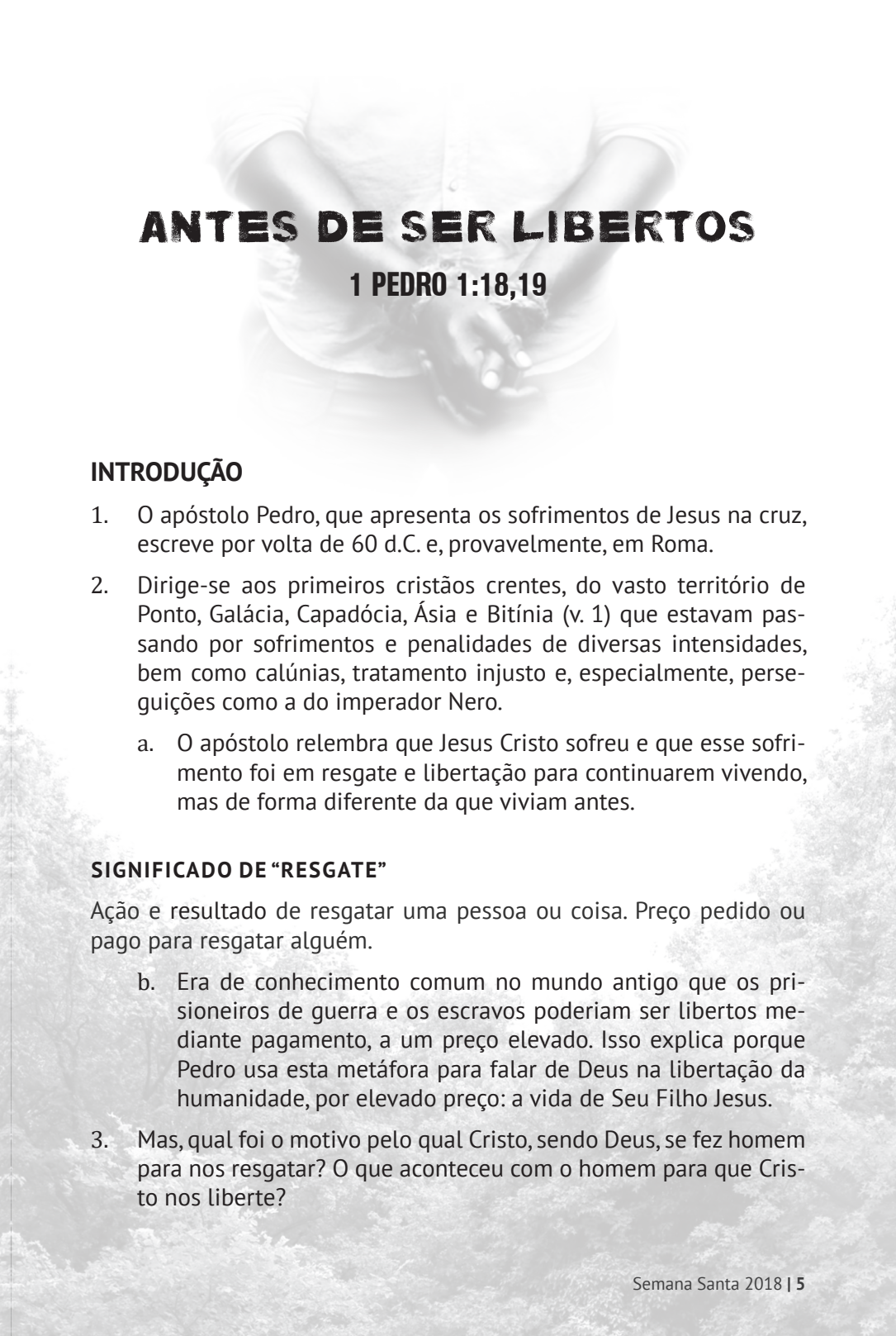
Desenho: Antônio Abreu

Direitos de tradução e publicação: Divisão Sul-Americana

Realização: Divisão Sul-Americana

ÍNDICE

1. ANTES DE SER LIBERTOS	5
2. LIBERTOS DO CATIVEIRO	10
3. LIBERTOS DA CULPA	15
4. LIBERTOS DA INCREDELIDADE	20
5. LIBERTOS DO MEDO	31
6. LIBERTOS DA CONDENAÇÃO	38
7. LIBERTOS PELO SACRIFÍCIO	44
8. LIBERTOS ENFIM	49



ANTES DE SER LIBERTOS

1 PEDRO 1:18,19

INTRODUÇÃO

1. O apóstolo Pedro, que apresenta os sofrimentos de Jesus na cruz, escreve por volta de 60 d.C. e, provavelmente, em Roma.
2. Dirige-se aos primeiros cristãos crentes, do vasto território de Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (v. 1) que estavam passando por sofrimentos e penalidades de diversas intensidades, bem como calúnias, tratamento injusto e, especialmente, perseguições como a do imperador Nero.
 - a. O apóstolo relembra que Jesus Cristo sofreu e que esse sofrimento foi em resgate e libertação para continuarem vivendo, mas de forma diferente da que viviam antes.

SIGNIFICADO DE “RESGATE”

Ação e resultado de resgatar uma pessoa ou coisa. Preço pedido ou pago para resgatar alguém.

- b. Era de conhecimento comum no mundo antigo que os prisioneiros de guerra e os escravos poderiam ser libertos mediante pagamento, a um preço elevado. Isso explica porque Pedro usa esta metáfora para falar de Deus na libertação da humanidade, por elevado preço: a vida de Seu Filho Jesus.
3. Mas, qual foi o motivo pelo qual Cristo, sendo Deus, se fez homem para nos resgatar? O que aconteceu com o homem para que Cristo nos liberte?

I. DE UMA GERAÇÃO LIVRE A UMA GERAÇÃO ESCRAVIZADA

1. Gênesis 2:7-9; 15-17

- a. A Bíblia descreve Deus criando o homem e então o colocando em um mundo perfeito, livre de medo, de inimizade e da morte.

CITAÇÃO

“O homem deveria ter a imagem de Deus, tanto na aparência exterior como no caráter. [...] As afeições eram puras; os apetites e paixões estavam sob o domínio da razão. [...] Ao sair o homem das mãos do Criador era de elevada estatura e perfeita simetria. O rosto trazia a rubra coloração da saúde, e resplandia com a luz da vida e com alegria. A altura de Adão era muito maior do que a dos homens que hoje habitam a Terra. Eva era um pouco menor em estatura; [...]” (EGW, PP, p. 18).

- b. A Adão e Eva foram entregues o domínio sobre todo ser criado. Mas havia um perigo muito real: a presença de Satanás que ameaçava arrebatador do homem o domínio sobre a terra, sobre sua vida e decisões.

CITAÇÃO

“Nossos primeiros pais, se bem que criados inocentes e santos, não foram colocados fora da possibilidade de praticar o mal. Deus os fez como entidades morais livres, capazes de apreciar a sabedoria e benignidade de Seu caráter, e a justiça de Suas ordens, e com ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la [...] A obediência, perfeita e perpétua, era a condição para a felicidade eterna” (EGW, PP, p. 20, 21).

2. Gênesis 3:1-7

- a. Moisés, depois de descrever a condição perfeita e livre do homem, imediatamente descreve a transformação deste mundo não apenas escravizado, mas cheio de dor, ódio e maldade.
- b. O domínio que Deus outorgou ao homem foi usurpado por Satanás, mediante a dúvida e o engano.

CITAÇÃO:

“Desapareceram o amor e paz que haviam desfrutado, e em seu lugar experimentavam uma intuição de pecado, um terror pelo futuro, uma nudez de alma. [...] Satanás exultou com seu êxito. Tinha tentado a mulher a desconfiar do amor de Deus, a duvidar de Sua sabedoria, e a transgredir a Sua lei e, por meio dela, ocasionara a derrota de Adão. [...] E a vida de labutas e cuidados que dali em diante deveria ser o quinhão do homem, foi ordenada com amor. Uma disciplina que se tornara necessária pelo seu pecado, foi o obstáculo posto à satisfação do apetite e paixão, e o desenvolvimento de hábitos de domínio próprio” (EGW, PP, p. 28, 30).

3. Satanás se sentia seguro de seu triunfo ao submeter o homem a seu domínio e em degradá-lo mediante a escravidão de suas paixões mais baixas. Mas... o que o homem perdeu?
 - a. Perdeu o privilégio de ter aberta comunhão com Deus.
 - b. Perdeu o domínio sobre si mesmo e sobre a criação.
 - c. Perdeu a saúde e o viver eternamente; seus dias seriam abreviados e sua estatura diminuiria, bem como sua resistência física.
 - d. Seu poder moral e intelecto seriam degradados até que o mundo se enchesse de todo tipo de miséria.

CITAÇÃO:

“Ao ser criado, foi Adão posto no domínio da Terra. Mas, cedendo à tentação, foi levado sob o poder de Satanás [...] o domínio que exercera passou para o seu vencedor. Assim Satanás se tornou o ‘deus deste século’. 2 Coríntios 4:4” (EGW, PP, p. 36).

2. Nunca mais o homem voltaria ao nível em que foi criado, salvo se a sua libertação viesse do próprio Céu.

II. O PLANO DE LIBERTAÇÃO

1. Quem, a não ser o próprio Deus criador deste mundo e do homem, poderia executar um plano de libertação para Suas criaturas cativas?

CITAÇÃO:

“Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. [...] Perante o Pai pleiteou Ele em prol do pecador. [...] Os anjos prostraram-se aos pés de Seu Comandante, e ofereceram-se para serem sacrifício para o homem. Mas a vida de um anjo não poderia pagar a dívida; apenas Aquele que criara o homem tinha poder para o redimir” (EGW, PP, p. 33, 34).

2. Mas o plano de libertação tinha um propósito ainda maior e mais profundo do que o de livrar o homem; era também a vindicação do carácter de Deus diante do universo.

CITAÇÃO:

“O grande conflito iniciado no Céu devia ser decidido no próprio mundo, no próprio campo que Satanás alegara como seu. Foi maravilha para todo o Universo que Cristo Se humilhasse para salvar o homem decaído” (EGW, PP, p. 38).

III. JESUS CRISTO, O LIBERTADOR E SENHOR

ILUSTRAÇÃO:

Ao longo da história, nações tiveram grandes libertadores. Países como a Argentina, Chile e Peru admiram e prestam homenagens a seu libertador, José de San Martín; a Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela também prestam honras a seu libertador Simón Bolívar. O Brasil, a Dom Pedro I. Libertos do quê? Do domínio e da escravidão de um poder estrangeiro, superior e poderoso. No campo espiritual é isso o que acontece com o homem pecador. Ao pecar, torna-se escravo de suas paixões mais baixas, de sua degradação mais profunda. Para sair do miasma do pecado, necessita de um Libertador que o livre física, mental e espiritualmente. Esse Libertador vive e oferece liberdade a todo aquele que O aceite: Jesus Cristo é o Filho de Deus.

- a. Jesus Cristo é o Emancipador, por meio de quem somos libertos da escravidão do pecado e da morte; é o “cordeiro sem defeito e sem mácula” (1 Pedro 1:19). Nossa libertação foi a um custo mais elevado do que qualquer riqueza, “pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula” do filho de Deus.

ILUSTRAÇÃO:

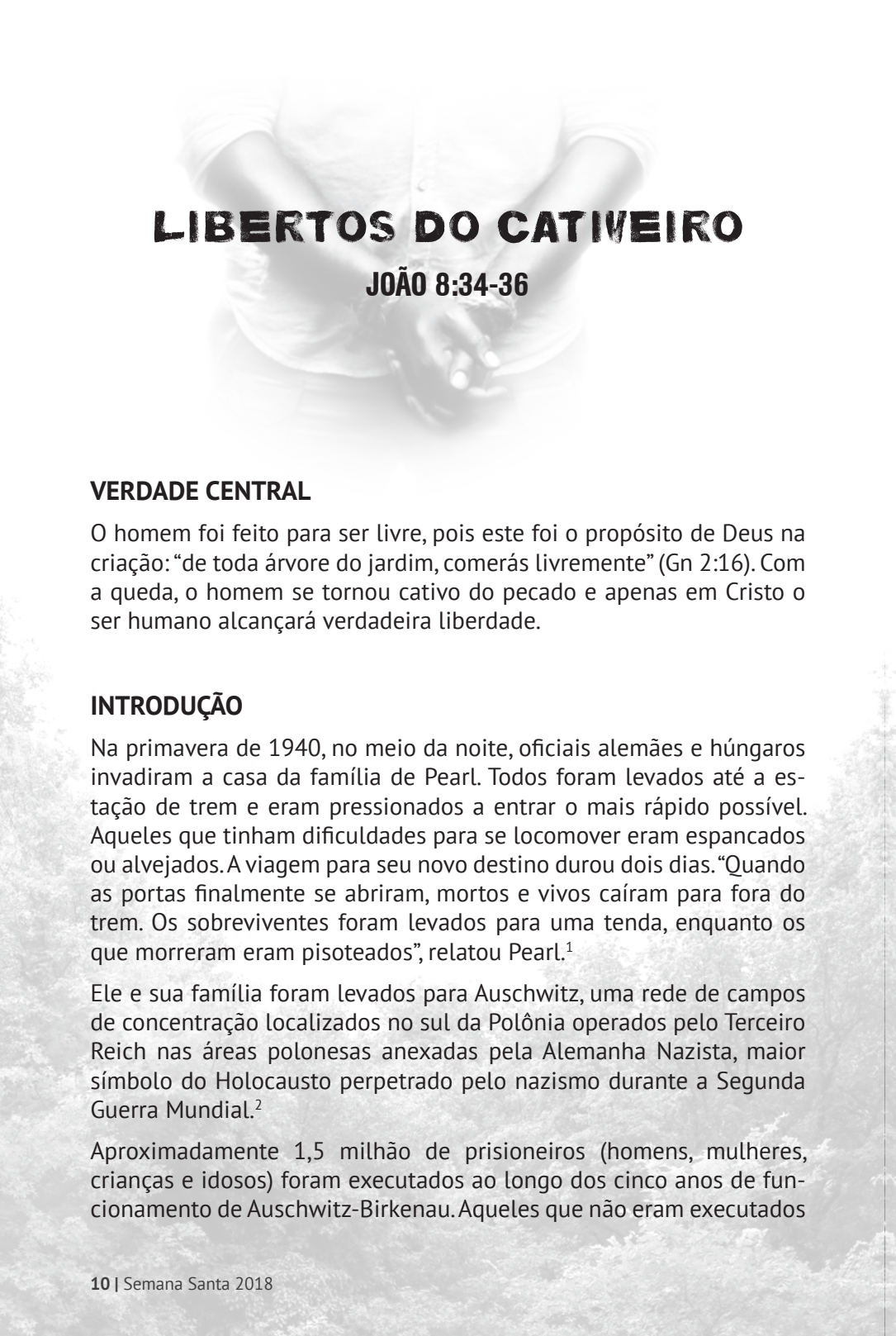
Durante o primeiro século, os escravos podiam ser comprados na praça do mercado por um preço. Sempre foi necessário pagar um preço para libertar um preso.

- b. Deus, em Sua Palavra, afirma que somos escravos do pecado, e não podemos fugir dessa escravidão. Porém, Jesus nos libertou na cruz, ao pagar nossa redenção com seu sangue.

CONCLUSÃO

1. Texto: 1 Pedro 1:18,19
2. Antes de sua conversão, os crentes não eram diferentes dos demais incrédulos. Sua conversação e modo de ser eram tão vazios, triviais e degradantes como o das pessoas que os rodeavam. Seus dias como escravos do pecado são descritos por Pedro como “vosso fútil procedimento”.
3. Faz com que se lembrem de que foram redimidos dessa fútil existência por meio de uma transação transcendental. Haviam sido libertos da escravidão da conformidade com o mundo, mediante o pagamento de um resgate infinito.
4. Se um crente fosse tentado a voltar à complacência pessoal e ao desprezo a Deus, deveria lembrar-se de que Jesus Cristo, com o Pai e o Espírito Santo, traçou um plano de libertação do pecador.
5. Apelo e Oração: Antes de sermos libertos, estávamos condenados. Nossa libertação foi totalmente paga. Você sabe que Jesus Cristo é o seu Libertador? Você sabe que seu livramento foi comprado? Foi comprado por um preço muito alto, o preço não menos do que o sangue de Jesus Cristo, o Santo de Deus.
6. Oração.

Pr. Adonirám Alomía
Ministério Pessoal - UB



LIBERTOS DO CATIVEIRO

JOÃO 8:34-36

VERDADE CENTRAL

O homem foi feito para ser livre, pois este foi o propósito de Deus na criação: “de toda árvore do jardim, comerás livremente” (Gn 2:16). Com a queda, o homem se tornou cativo do pecado e apenas em Cristo o ser humano alcançará verdadeira liberdade.

INTRODUÇÃO

Na primavera de 1940, no meio da noite, oficiais alemães e húngaros invadiram a casa da família de Pearl. Todos foram levados até a estação de trem e eram pressionados a entrar o mais rápido possível. Aqueles que tinham dificuldades para se locomover eram espancados ou alvejados. A viagem para seu novo destino durou dois dias. “Quando as portas finalmente se abriram, mortos e vivos caíram para fora do trem. Os sobreviventes foram levados para uma tenda, enquanto os que morreram eram pisoteados”, relatou Pearl.¹

Ele e sua família foram levados para Auschwitz, uma rede de campos de concentração localizados no sul da Polônia operados pelo Terceiro Reich nas áreas polonesas anexadas pela Alemanha Nazista, maior símbolo do Holocausto perpetrado pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.²

Aproximadamente 1,5 milhão de prisioneiros (homens, mulheres, crianças e idosos) foram executados ao longo dos cinco anos de funcionamento de Auschwitz-Birkenau. Aqueles que não eram executados

nas câmaras de gás morriam de fome, doenças infecciosas, trabalhos forçados, execuções individuais ou experiências médicas.

O terror de Auschwitz chegou ao fim com a libertação dos últimos prisioneiros do local, no dia 27 de janeiro de 1945, quando da chegada das tropas soviéticas que conseguiu resgatar sete mil deles com vida. Para os sobreviventes, aquele foi um dia de grande libertação de seu terrível cativo.

Cativeiro é um local onde se mantém alguém privado de sua liberdade. A Bíblia conta a história de alguns cativos que marcaram a história do povo de Deus:

I. CATIVOS DO POVO DE DEUS

- a. Os israelitas conheceram o Egito que foi para eles uma “casa de servidão” (Ex 20:2). O período dos juizes se caracterizou por repetidas opressões estrangeiras. Mais tarde, houve a humilhação nacional sob as mãos dos assírios e dos babilônios.
- b. Para os israelitas, o cativeiro era sinônimo de escravidão, sofrimento, opressão, fome, miséria, pobreza, falta de esperança, morte dos sonhos...! As experiências dramáticas do povo de Deus, em diferentes cativos, mostram o resultado do afastamento de Deus e da desobediência aos Seus mandamentos.
- c. O que eles mais desejavam era a libertação. O salmista expressou o que significava libertação do cativeiro quando no Salmo 126 escreveu: “Quando o Senhor trouxe os cativos de volta a Sião, foi como um sonho. Então a nossa boca encheu-se de riso, e a nossa língua de cantos de alegria...” (Salmos 126:1, 2, NVI). Entre eles havia “gratidão e gozo pelo retorno do cativeiro babilônio. Parecia impossível, mas Deus havia feito grandes coisas. A tristeza e o pranto se transformam em alegria [...]”³
- d. Possivelmente a mensagem de hoje encontre muitas pessoas que se sentem presas a algum tipo de cativeiro e como o povo de Israel deseja entoar um canto de alegria e libertação. Felizmente Deus tem poder para colocar em seu coração um salmo de liberdade e Ele agirá se você abrir o coração!

II. TIPOS DE CATIVEIROS

Os cativeiros literais do povo de Deus também apontam para outros tipos de cativo a que o ser humano está sujeito. Em Lucas 4:16-19, ao levantar-se para pregar em uma sinagoga, Jesus leu um texto de Isaías e identificou alguns cativos que subjagam a raça humana. Alguns deles são:

- a. Cativo social (evangelizar os pobres). Nos dias de Cristo, cria-se que o sofrimento dos pobres era devido à maldição de Deus - que seu estado infeliz era culpa deles próprios. Havia muitos em uma situação social de verdadeira impotência e miserabilidade. Existe hoje cerca de 1,5 bilhão de pessoas vivendo na pobreza, segundo relatório para o Desenvolvimento Humano da ONU (Organização das Nações Unidas).⁴ Para muitos, sua condição social os impede de crescer, realizar-se pessoalmente, e se sentem em um cativo.
- b. Cativo físico (restauração da vista aos cegos). O texto está falando de cegos espirituais e também de cegos literais. É uma referência ao cativo de enfermidades, epidemias, vícios, intemperança. Essas coisas podem tornar uma pessoa cativa, interferindo em sua paz e qualidade de vida.
- c. Cativo emocional (pôr em liberdade os oprimidos). “Oprimido no grego é ‘thrau’ de onde vem a palavra trauma, que quer dizer: quebrar, partir em pedaços, despedaçar, [...] destruição da unidade ou totalidade de algo; romper, fragmentar e dispersar de forma minúscula algo”.⁵
- d. Falando sobre o cativo da opressão, o salmista declarou: “Tira a minha alma do cárcere, para que eu dê graças ao teu nome; os justos me rodearão, quando me fizeres esse bem” (Sl 142:7).
- e. Toda pessoa oprimida está fragmentada, não tem alegria, não tem paz interior, não tem um semblante de felicidade e contentamento. Esse também é um tipo de cativo, do qual muitos precisam de libertação.
- f. Cativo espiritual (pregar liberdade aos cativos). Esse tipo de cativo ocorre quando uma pessoa não percebe a necessidade de Deus em sua vida. O indivíduo se sente autossuficiente,

segue seus próprios caminhos, confia em suas convicções e paixões, contudo não passa de um joguete nas mãos do adversário, Satanás. Saul foi um exemplo de alguém que estava encarcerado nesse cativo. Ele perdeu a postura de aprendiz, parou de ouvir e de crescer, declinou em caráter, parou de caminhar com uma clara consciência de sua influência e perdeu o seu vibrante relacionamento com Deus, caminhando em terreno proibido ao consultar uma feiticeira (1Sm 28:7). Esse é o pior cativo, porque priva a pessoa das bênçãos e felicidade eterna.

III. O LIBERTADOR DO CATIVO

- a. Em João 8:36 está escrito: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”. Só alguém que venceu o pior de todos os cativos tem poder para libertar outros cativos. Que cativo Cristo venceu?
- b. O apóstolo Paulo nos ajuda a compreender o cativo que Jesus venceu. Em Efésios 4:8 ele declarou: “Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens”. Cristo levou cativo o cativo. Aqui, pode se referir aos prisioneiros da morte que foram ressuscitados quando Cristo ressuscitou (Mt 27:51-53; cf. PE, 184, 189, 190; DTN, 786). A cadeia da morte havia sido rompida, e os cativos de Satanás foram libertados pelo poder de Cristo.⁶
“Aqueles, porém, que ressurgiram por ocasião da ressurreição de Cristo, saíram para a vida eterna. Ascenderam com Ele, como troféus de Sua vitória sobre a morte e o sepulcro. Estes, disse Cristo, não mais são cativos de Satanás. Eu os redimi”.⁷
- c. Jesus teve poder para libertar-se do pior cativo do pecado que é a morte. “Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem” (1Co 15:20). Isso quer dizer que, qualquer que seja o seu cativo, Cristo tem o poder de libertar! Ele pode lhe ajudar a vencer o seu cativo pessoal. O Senhor Jesus é o Libertador por excelência daqueles que necessitam de Seu socorro.

CONCLUSÃO:

A suposta liberdade fora dos limites divinos sempre conduzirá o homem ao cativeiro espiritual. Contudo, hoje, em Jesus Cristo, você tem o poder de se libertar de seu cativeiro. Ele virá em seu socorro no tempo oportuno. Deus sempre agiu em favor dos Seus filhos, e assim como Ele libertou os hebreus de seus diferentes cativeiros, Ele libertará todo Seu povo fiel no fim dos tempos.

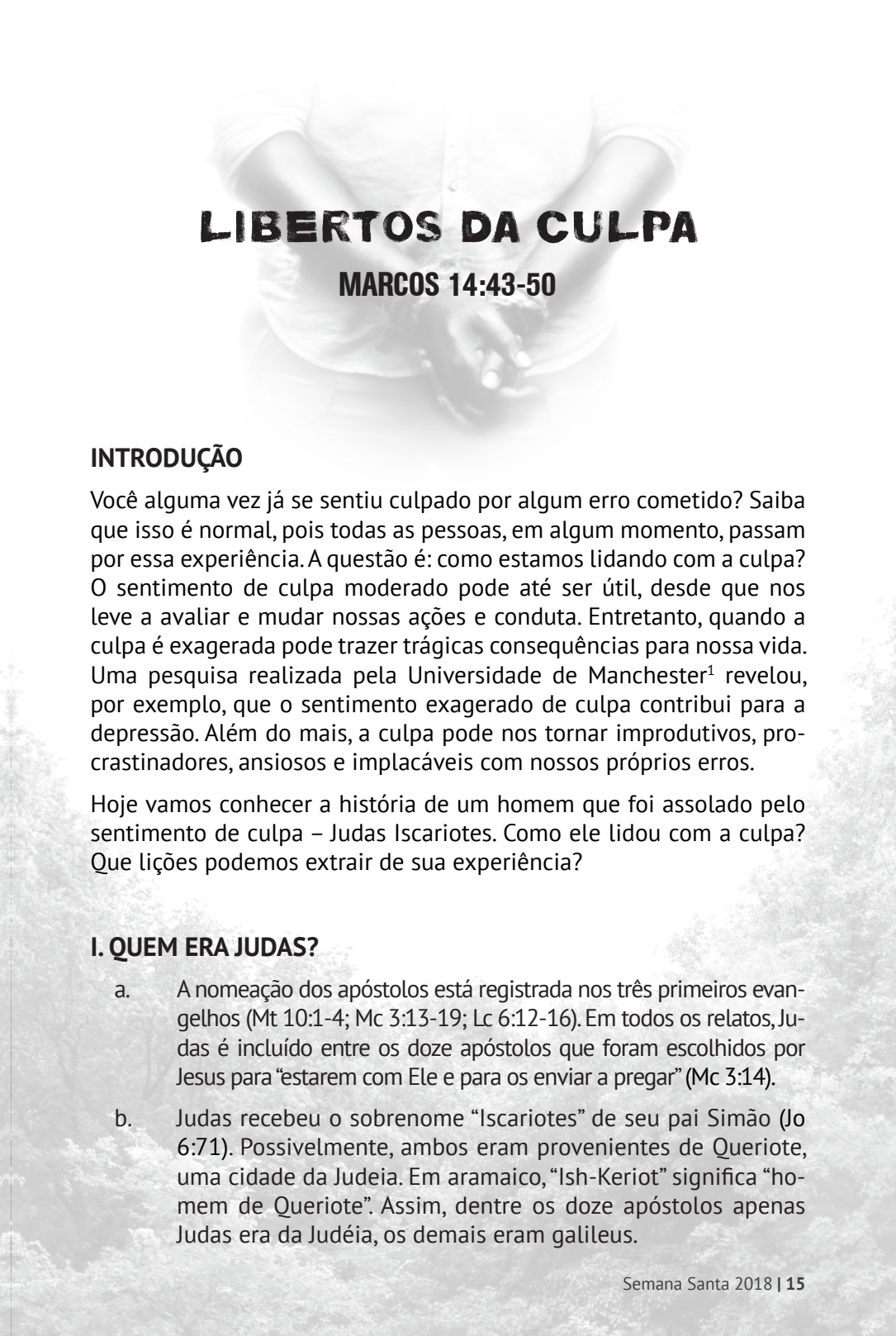
Quando Jesus voltar nas nuvens do céu, o cativeiro do pecado será estourado (não mais existirá), o sequestrador Satanás será preso e os libertos em Cristo reinarão com Ele por toda a eternidade.

Quer você ser livre de seus cativeiros em Jesus?

Pr. Everon Donato
Ministério Pessoal e ASA - DSA

REFERÊNCIAS

1. Ruic, Gabriela. 10 emocionantes histórias dos sobreviventes de Auschwitz. Citado de: <http://exame.abril.com.br/mundo/10-emocionantes-historias-dos-sobreviventes-de-auschwitz/>
2. Auschwitz. Citado de: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Auschwitz>
3. Bíblia de estudo Andrews, versão espanhol, p. 737.
4. Crespo, Sílvio Guedes. Mundo tem 1,5 bilhão de pessoas na pobreza. Citado de <https://achado-seconomicos.blogosfera.uol.com.br/2014/07/24/mundo-tem-15-bilhao-de-pessoas-na-pobreza-diz-estudo-da-onu/>
5. Araújo, Osmarino Correia de. Regiões de Cativeiro Espiritual. Citado de <http://www.atosdois.com.br/?p=478&codigo=7234>
6. Comentário Bíblico Adventista de Efésios, p. 1134.
7. White, Ellen G. Desejado de Todas as Nações, p. 555.



LIBERTOS DA CULPA

MARCOS 14:43-50

INTRODUÇÃO

Você alguma vez já se sentiu culpado por algum erro cometido? Saiba que isso é normal, pois todas as pessoas, em algum momento, passam por essa experiência. A questão é: como estamos lidando com a culpa? O sentimento de culpa moderado pode até ser útil, desde que nos leve a avaliar e mudar nossas ações e conduta. Entretanto, quando a culpa é exagerada pode trazer trágicas consequências para nossa vida. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Manchester¹ revelou, por exemplo, que o sentimento exagerado de culpa contribui para a depressão. Além do mais, a culpa pode nos tornar improdutivos, procrastinadores, ansiosos e implacáveis com nossos próprios erros.

Hoje vamos conhecer a história de um homem que foi assolado pelo sentimento de culpa – Judas Iscariotes. Como ele lidou com a culpa? Que lições podemos extrair de sua experiência?

I. QUEM ERA JUDAS?

- a. A nomeação dos apóstolos está registrada nos três primeiros evangelhos (Mt 10:1-4; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16). Em todos os relatos, Judas é incluído entre os doze apóstolos que foram escolhidos por Jesus para “estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:14).
- b. Judas recebeu o sobrenome “Iscariotes” de seu pai Simão (Jo 6:71). Possivelmente, ambos eram provenientes de Queriot, uma cidade da Judeia. Em aramaico, “Ish-Keriot” significa “homem de Queriot”. Assim, dentre os doze apóstolos apenas Judas era da Judéia, os demais eram galileus.

- c. O nome Judas é derivado de Judá, que significa “louvor” (Gn 29:35). Era um nome muito popular na época e possuía uma conotação de heroísmo. Isso porque Judá era o nome de uma das doze tribos de Israel, de onde saíram vários reis, inclusive Davi e Salomão – os maiores governantes da história israelita.
- d. Judas era um homem inteligente e de muita capacidade administrativa, tanto que foi escolhido como tesoureiro do círculo apostólico.
- e. Essa rápida análise da vida de Judas, já deixa claro que este discípulo possuía uma trajetória muito promissora:
 - a. Era filho de Judá, criado no coração da Judeia e tinha um honrado nome;
 - b. Fazia parte do círculo apostólico;
 - c. Tinha habilidades executivas que o credenciaram a se tornar o tesoureiro dos fundos apostólicos;
 - d. Teve o privilégio e a grande oportunidade de aprender aos pés do maior Mestre que já pisou neste mundo – Jesus.
- f. Porém, como todos sabemos, o desfecho da vida de Judas foi trágico. O que levou esse apóstolo tão promissor e altamente honrado por Deus a se tornar o traidor de seu próprio Mestre?

II. O CARÁTER DE JUDAS

- a. As referências sobre Judas nos evangelhos são suficientes para traçarmos o caráter desse apóstolo. Em praticamente todos os textos em que Judas é mencionado seu nome está associado a algo negativo.
- b. *Desonestidade*: Ao que tudo indica, um grande problema de caráter de Judas era a desonestidade. Como já dissemos, Judas atuava como tesoureiro dos limitados recursos dos apóstolos. Porém, sua administração era fraudulenta. João 12:6 chama Judas de ladrão, pois, tinha o hábito de furtar parte das ofertas que eram colhidas para o caixa apostólico.
- c. *Avareza*: a conduta desonesta de Judas é resultado de seu apego ao dinheiro. Sua ganância é claramente revelada no episódio em que foi ao encontro dos líderes judeus para negociar

uma forma de entregar Jesus. Mateus 26:14-15 demonstra que partiu de Judas a iniciativa de estimular os sacerdotes a dar-lhe dinheiro a fim de facilitar a captura de Jesus. Os líderes judeus lhe ofereceram 30 moedas de prata – preço que se pagava por um escravo na época – e o mesquinho Judas aceitou a proposta!

- d. *Espiritualidade superficial*: Pelo menos, pelo o que consta nos evangelhos, Judas jamais chamou Jesus de “Senhor” – um título muito significativo usado pelos demais apóstolos quando se reportavam a Cristo. Ao invés disso, Judas costumava chamar Jesus apenas de “Mestre” (Mt 26: 15 e 49). Este fato pode indicar que ele não aceitou plenamente Jesus como seu Senhor e Salvador. A relação de Judas com Jesus era superficial o que, conseqüentemente, deu espaço para o inimigo trabalhar em sua vida.
- e. *Negligência*: Em sua oração sacerdotal, Jesus chama Judas de “filho da perdição” (Jo 17:12). Essa expressão pode ser traduzida também como “filho desperdiçador”. Judas desperdiçou todas as oportunidades para aprender de Cristo e se tornar um grande instrumento nas mãos de Deus. Lamentavelmente, por causa de sua negligência, o jovem e promissor discípulo se tornou um monstro nas mãos de Satanás!
- f. *Falsidade e traição*: As Escrituras relatam que Judas conduziu os guardas até o jardim do Getsêmani com a intenção de prender Jesus. A dissimulação de Judas foi tamanha que chegou ao ponto de saudar Jesus com beijos. O gesto era um sinal combinado para revelar aos captores a identidade de Jesus. Quanta falsidade! Naquela época o beijo era um sinal amigável, de carinho e respeito entre um discípulo e seu Mestre, mas nesta oportunidade Judas o tornou um mecanismo de traição!
- g. *Culpa*: Quando Judas percebeu que Cristo foi injustamente condenado sentiu-se pressionado pelo remorso (Mt 27:3-5). O peso da culpa o levou a devolver as 30 moedas de prata, porém, isso não foi suficiente para aliviar sua consciência. O problema é que Judas não se arrependeu verdadeiramente. Ele não se agarrou ao perdão divino e assolado pela culpa enforcou-se tirando sua própria vida.

III. LIÇÕES DA VIDA DE JUDAS

- a. A vida de Judas, por contraste, oferece várias lições importantes para todos nós, vamos considerar pelo menos três delas:
 1. *O perigo mortal do pecado secreto*: Judas por muito tempo nutriu em seu coração a cobiça e praticava às escondidas pequenos furtos. Com essa atitude, ele não apenas traía a confiança do grupo apostólico como também desobedecia a vontade de Deus. Mais tarde, o pecado acolhido no íntimo de Judas se revelou na sua pior forma. Como bem expressou Charles Swindoll: “o pecado secreto é um assassino que não faz distinção entre pessoas, e aqueles que acham que estão imunes são os mais vulneráveis de todos”.
 2. *A associação com o que é espiritual não garante que nos tornaremos pessoas espirituais*: Judas passou três anos na companhia de Jesus, mas não foi transformado. Não que Jesus não quisesse transformá-lo, mas porque ele não se entregou plenamente. Para crescermos espiritualmente não basta frequentar uma igreja ou conviver com pessoas espiritualmente maduras, precisamos buscar por nós mesmos ter uma experiência real com Jesus por meio da oração e estudo da Bíblia. Precisamos nos entregar a Cristo sem reservas!
 3. *O sentimento de culpa pode ser mortal, porém, em Cristo podemos ser perdoados e libertos*: Eis o último erro da vida de Judas – não entender o amor perdoador de Deus! Judas poderia ter sido restaurado ao favor divino, assim como Pedro foi. Houvesse reconhecido seu erro e seu pecado seria perdoado. Tivesse clamado pela misericórdia divina e sua consciência seria liberta da opressiva culpa que o assolava. Prezado(a) amigo(a), não importa o que você tenha feito em sua vida passada. Não importa que tipo de pecado ou vício haja em sua vida hoje. Deus pode perdoar, redimir e restaurar você. Ele é capaz de libertar você da culpa que lhe tira a paz. Ele é capaz de lhe conceder uma nova chance. A Bíblia diz: “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e Justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” (1Jo 1:9).

CONCLUSÃO

Uma senhora idosa que vivia só, adoeceu. Diariamente era visitada por um casal cristão interessado em sua recuperação. Em cada visita ouviam a senhora falar de um filho muito bom, que morava nos Estados Unidos, fazia anos, o qual lhe escrevia uma ou duas vezes por semana, e em cada carta juntava uma figura ou quadrinho verde. Todos os quadrinhos eram iguais. Considerando a extrema pobreza da senhora, os vizinhos começaram a pensar que não era bem assim como ela contava.

Se o filho era tão bom e estava em um país onde o nível de vida era bom, pensavam, por que não ajudava a mãe a ter uma vida melhor? Ou estaria a idosa senhora inventando? E qual a razão de todos os quadrinhos e figuras serem iguais? Aquilo não parecia lógico... Todos iguais, dizia. E dizia eram verdes!

Finalmente resolveram perguntar-lhe se podiam ver alguma das cartas e os quadrinhos...

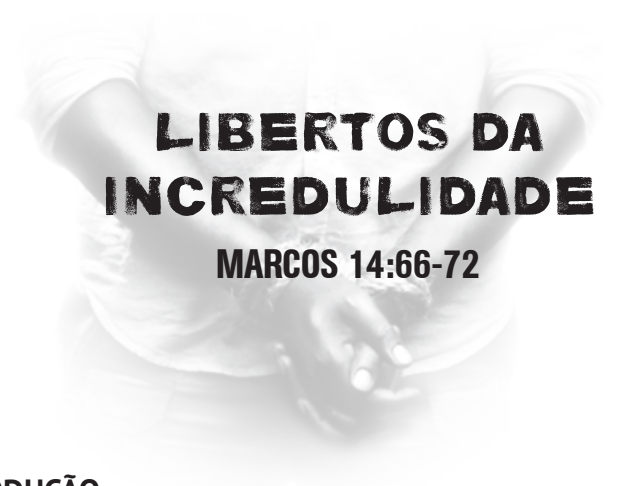
A senhora estendeu a mão e tirou de uma caixa de papelão uma carta e, carinhosamente embrulhados, centenas de “quadrinhos verdes”, os quais eram notas de 100 dólares! O filho lhe havia enviado o necessário para que vivesse bem, porém ela vivia na miséria!

Acontece coisa parecida com muitas pessoas. A graça divina que limpa nossos pecados e nos liberta da culpa está a nossa disposição. Porém, muitos deixam de desfrutar das “riquezas da graça” e preferem carregar sozinhos o peso do pecado e da culpa. Esse foi o problema de Judas! Deus poderia libertá-lo da culpa de seu pecado, mas ele não se rendeu a Cristo! Sua história, entretanto, pode ser diferente. Está você lutando contra algum pecado? Tem você carregado o fardo da culpa por algum erro que cometeu no passado? Você tem a sua disposição a graça de Cristo! Você pode encontrar paz, perdão e conforto em Jesus. Ouça o Seu convite: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.” (Mt 11:28). Em Cristo somo libertos da culpa!

Pr. Tiago Souza
Ministério Pessoal UNoB

REFERÊNCIAS

1. <https://www.sciencedaily.com/releases/2012/06/120604181847.htm> . Acessado em: 26/07/17.



LIBERTOS DA INCREDULIDADE

MARCOS 14:66-72

INTRODUÇÃO

Certo professor cristão, quis mostrar da forma mais vívida e prática a verdade que havia ensinado. Assim, idealizou uma ilustração para que a lição bíblica ficasse gravada no coração dos alunos. Para tanto, tirou um relógio do bolso e o ofereceu “sem dinheiro e sem preço” a seu aluno mais velho, dizendo-lhe: “Este relógio será seu se você quiser aceitá-lo”. Porém, o menino não podia crer que esse oferecimento fosse verdadeiro. Ficou sentado sorrindo, sem estender a mão para receber o relógio. Diante de sua incredulidade, o professor ofereceu o relógio ao aluno imediato, dizendo-lhe: “Este relógio será seu se você quiser aceitá-lo”. Este pensou que o professor estivesse brincando e que os colegas iriam rir se ele estendesse a mão. Assim sendo, por não confiar nas palavras do professor, permaneceu sentado e também ficou sem o relógio.

O professor seguiu oferecendo o relógio a quase todos os alunos; mas nenhum tinha fé em sua promessa para recebê-lo. Finalmente, ele ofereceu o relógio ao aluno mais novo da classe. Este sim estendeu a mão, pegou o relógio e agradeceu ao professor, e o colocou no bolso.

Todos riram da simplicidade do pequeno, pensando que o professor apenas o havia enganado. Mas o professor disse:

“Fico feliz porque você, pelo menos, creu em minhas palavras. O relógio realmente é seu para sempre. Cuide dele e dê-lhe corda a cada noite”.

Quando os outros compreenderam que, mediante essa fé simples, o pequeno colega havia recebido de fato o relógio, ficaram tristes, muito tristes por não terem crido. Cada um pensava: Se eu tivesse tido fé no

professor, hoje seria dono de um bonito relógio de prata; mas devido a minha incredulidade, perdi a oportunidade!

Assim como os alunos desse bom professor, frequentemente nós, seres humanos, não estamos dispostos a exercer a fé e caímos nas garras da incredulidade. O apóstolo Pedro aprendeu, da forma mais amarga, que a incredulidade é um inimigo insidioso, que aparece quando menos se espera. Hoje veremos como a incredulidade esteve a ponto de destruir a vida espiritual e o relacionamento do apóstolo Pedro com Jesus, mas veremos também como Deus o restaurou até torná-lo um grande líder do povo de Deus.

VERDADE CENTRAL:

A incredulidade, basicamente, é a desconfiança em Jesus. Quando o ser humano confia em si mesmo, em suas habilidades, em seus bens materiais ou em qualquer outra coisa que não em Cristo, ocorre a queda e o fracasso. Contudo, Cristo, em Sua misericórdia, está pronto a nos restaurar e a nos tornar vencedores.

I. O APÓSTOLO PEDRO E UMA VIDA DE ALTOS E BAIXOS

- a. A história de Pedro é apaixonante. Ele não era um homem de meias-medidas. Era temperamental e exaltado. Desde que Jesus Cristo o encontrou, enquanto exercia seu ofício de pescador no mar da Galiléia, ele se tornou seguidor leal e incondicional do Rabi da Galiléia.
- b. Os evangelhos nos oferecem mais detalhes do apóstolo Pedro, de sua conversão, do processo de discipulado feito com Jesus. Sua cidade, estado civil e ofício são mencionados, além de que André era seu irmão.
- c. Pedro tinha muitos defeitos: era impetuoso, vaidoso, autoconfiante. Além disso, tinha pouca instrução; era um homem simples. No entanto, Jesus viu nele um material precioso para Seu reino. Disse-lhe: “serás pescador de homens”.
- d. Jesus é assim. Ele nos vê como somos, não como as pessoas nos veem. O maravilhoso Senhor Jesus nos vê como podemos nos tornar, caso nos coloquemos em Suas mãos.

- e. A vida de Pedro se caracteriza por uma série de altos e baixos. De seus lábios podia sair uma declaração de fé extraordinária: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, e podia receber o reconhecimento de seu Mestre: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas”, e depois receber uma dura repreensão por se haver deixado usar pelo inimigo: “Arreda, Satanás!”.
- f. Esse pode ser o motivo porque Pedro nos é tão familiar. Ele se parece muito conosco. Todos podemos nos identificar com alguma experiência de Pedro. Podemos ser usados como instrumentos poderosos nas mãos de Deus e, em seguida, sermos ferramentas do inimigo. A vida do apóstolo Pedro ensina valiosas lições, precisamente porque tem muitos aspectos em comum conosco, cristãos do século 21.
- g. Durante o processo de discipulado com Jesus, o apóstolo Pedro teve o privilégio de ouvir as parábolas diretamente dos lábios de Jesus; de ser testemunha ocular dos grandes milagres de Jesus. Viu-O curar enfermos, dar vista aos cegos, fazer os paralíticos caminhar, ressuscitar mortos. Ou seja, se havia alguém que tinha todas as evidências para nunca deixar de crer em Cristo, esse era Pedro. Da perspectiva humana, poderíamos dizer que alguém como Pedro nunca poderia cair nas garras da incredulidade.
- h. A incredulidade é a incapacidade de crer, enquanto que crer é ter fé; e ter fé é confiar. Assim sendo, a incredulidade não é apenas o ser incapaz de crer em um corpo de doutrinas ou em uma declaração bíblica. Trata-se da incapacidade de confiar em Jesus. Nesse sentido, a incredulidade é, basicamente, desconfiança. É desconfiar de Jesus.
- i. Essa desconfiança está intimamente vinculada à pergunta: Em quem ou em que você deposita a sua confiança? Alguns confiam no dinheiro; outros, em sua capacidade pessoal, e outros em seus bens materiais. Quando alguém confia em qualquer dessas coisas, inevitavelmente não confia em Jesus.
- j. Pedro confiava muito em si mesmo. Pouco antes dos eventos da paixão e morte de Jesus, Pedro declarou: “Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!” (NVI). Essa foi uma declaração de uma exaltada autossuficiência. Toda sua con-

fiança estava em sua própria capacidade, o que significava que sua confiança não estava depositada em Jesus. Essa situação foi a antessala do abismo, visto que sempre depois da soberba vem a queda. Com toda essa autoconfiança, não surpreende o que aconteceu a Pedro no pátio do sumo sacerdote.

- k. Quão verdadeiro é que, geralmente, nos perdemos por aquilo que nos orgulhamos! Não se ensoberbeça pelo que há de melhor em você, nem tampouco despreze o que lhe parece mais humilde. A soberba leva à perda e a humildade salva. Foi a soberba que levou Pedro à derrota.

II. PEDRO NEGA A JESUS

- a. Um motivo adicional explica o fracasso de Pedro. Antes de chegar ao pátio do sumo sacerdote, a Bíblia descreve o que ocorreu no Getsêmani. Enquanto Jesus orava com uma angústia indescritível, Ele pediu aos discípulos para que permanecessem em oração. Jesus orou três vezes e a essência de Sua oração foi: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”. No intervalo de cada oração, Ele volta até os discípulos e os encontra dormindo; exorta-os a perseverar em oração. No entanto, depois de sua terceira oração, ao encontrá-los dormindo, permaneceu ali, velando ternamente por eles e lhes dizendo: “Ainda dormis e repousais!”.
- b. Os discípulos não estavam cientes do momento em que viviam. Essa era a hora mais dramática da humanidade, porque estava em jogo o destino da raça humana. No Céu, milhares de milhares de anjos estavam em silente expectativa. Satanás e suas hostes também estavam ativos para frustrar o plano da salvação. Nessa hora solene, os discípulos estavam dormindo. Pedro também estava dormindo. Foi nesse momento que teve início a sua derrota que ficaria evidente no pátio do sumo sacerdote. Primeiro, a derrota do cristão se produz quando ele descuida de sua ligação vital com Deus. A derrota pública é apenas o resultado do colapso na comunhão com o Altíssimo.
- c. Os acontecimentos se sucederam rapidamente. Apareceu a turba que arrastou Jesus, sendo guiada por Judas, que en-

tregou o Mestre com um beijo. A Bíblia não apresenta Pedro como um covarde. Pelo contrário, ela nos mostra um Pedro audaz, atrevido. Em meio à tormenta, ele pediu a Jesus: “Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas”. Até mesmo, no Getsêmani, ele esteve disposto a pegar na espada e feriu o servo do sumo sacerdote, ao decepar-lhe a orelha direita. Contudo, seu coração desfaleceu quando viu Jesus Se deixar prender pela turba. Pedro conhecia o poder de Jesus sobre as forças da natureza. Vira-O realizar milagres extraordinários, o que lhe confirmara a crença de que Jesus era o Cristo, “o Filho do Deus vivo”. O que ele nunca imaginou foi ver Jesus aceitar tão brandamente Sua captura.

- d. Ver seu Mestre ser levado pela turba provocou um conflito no coração de Pedro e de todos os demais discípulos. Como Jesus, com todo Seu poder, Se havia deixado capturar? Um homem que tinha domínio sobre os demônios, não poderia fazer algo diante de simples mortais? Onde estava aquele Jesus poderoso e invencível a quem tanto havia admirado? Dominados pela incredulidade e pelo medo, os discípulos fugiram, mas Pedro e João queriam saber o que iria acontecer com Jesus e, assim sendo, acompanharam de perto os acontecimentos.
- e. Chegaram ao pátio do sumo sacerdote. João pôde entrar no lugar onde Jesus estava, mas Pedro ficou no pátio. Ali fora acesa uma fogueira, porque era a hora mais fria da noite e o amanhecer se aproximava. Havia um grupo de pessoas reunido ao redor da fogueira. Pedro, com certo temor, se aproximou, tentando misturar-se com as pessoas e passar despercebido. Ele não queria ser reconhecido como discípulos de Jesus. Queria que as pessoas pensassem que era um dos que estavam de acordo com a prisão de Jesus. O pior que alguém que deseja passar despercebido pode fazer é aproximar-se de uma fonte de luz. Pedro se aproximou da fogueira em busca de calor, mas o resplendor da luz sobre seu rosto fez com que fosse reconhecido pela mulher que cuidava da porta. Era uma das criadas de Caifás que queria confirmar sua suspeita sobre o estranho que se aproximara do fogo.
- f. A criada disse a Pedro: “Tu também estavas com Jesus, o Nazareno”. Pedro ficou surpreso e confuso. No mesmo instante,

todos os olhos do grupo se fixaram nele. Ele se fez de desentendido, mas ela insistiu e disse aos que a rodeavam que ele estava com Jesus. Pedro se viu obrigado a responder e disse iradamente: “Não o conheço”. Esta foi a primeira negação e, imediatamente, o galo cantou (Mc 14:68). Pedro consumara sua negação.

- g. Vejamos a diferença entre as atitudes assumidas por Pedro e por João nessa noite fatídica. O discípulo João, ao entrar na sala do tribunal, não buscou ocultar o fato de ser seguidor de Jesus (Jo 18:15). Não se misturou aos que injuriavam seu Mestre. Visto não ter assumido uma atitude falsa, não agiu como suspeito, e por isso ninguém o interrogou ou confrontou. A única coisa que João queria era estar perto de Jesus. Não lhe importava o que as pessoas pensariam dele; não temia, porque o amor que sentia pelo Senhor Jesus era muito maior do que qualquer outro sentimento. Ele se aproximou o máximo possível para ver e ouvir tudo o que estava acontecendo naquela noite. Pedro, pelo contrário, procurou as sombras da noite. Queria parecer como um observador neutro e assumir um ar de indiferença. E esse foi um terreno propício para cair na tentação. Ele teve mais facilidade para crer em Jesus quando O viu caminhar sobre as águas, mas quando O viu preso, vituperado e humilhado, sua fé vacilou e caiu nas ondas da incredulidade.
- h. Assim como Pedro, muitos de nós cristãos estamos dispostos a fazer declarações eloquentes de fé e a vestirmos uma camiseta com os dizeres “Amo Jesus”, ou colocarmos um lindo adesivo no carro que proclame: “Deus é meu copiloto”. No entanto, quando somos apontados e zombados, titubeamos na fé e as nossas convicções vacilam. A vida cristã corre grande perigo quando se busca agradar aqueles que deveriam ser evitados. Quando se busca obter a aprovação das pessoas, muitos são induzidos a dizerem e a fazerem o que nunca fariam em outras circunstâncias. O discípulo de Cristo que, em nossos dias, disfarça sua fé, temendo sofrer opróbrio, nega a seu Senhor tão enfaticamente quanto o fez Pedro na sala do tribunal.
- i. Depois dessa primeira negação, ele continuou simulando. “Pedro procurou não manifestar interesse no julgamento do Mestre, mas tinha o coração confrangido de dor ao ouvir as cruéis

zombarias e ver os maus-tratos que Ele estava sofrendo. Mais ainda, estava surpreso e irritado de que Jesus assim Se humilhasse a Si e a Seus seguidores, submetendo-Se a esse tratamento. A fim de ocultar o que na verdade sentia, procurou unir-se aos perseguidores de Jesus em seus intempestivos gracejos. Seu aspecto, no entanto, não era natural. Estava representando uma mentira, e conquanto procurasse falar despreocupadamente, não podia sustentar expressões de indignação ante os abusos acumulados contra o Mestre. Pela segunda vez foi a atenção chamada para ele, sendo novamente acusado de ser seguidor de Jesus. Declarou então, com juramento: 'Não conheço tal homem.' Outra oportunidade lhe foi dada ainda" (DTN, p. 501).

- j. "Passara-se uma hora, quando um dos servos do sumo sacerdote, sendo parente próximo do homem cuja orelha Pedro cortara, lhe perguntou: 'Não te vi eu no horto com Ele?' 'Também este verdadeiramente estava com Ele, pois também é galileu.' 'Tua fala te denuncia.' Diante disso Pedro se exaltou. Os discípulos de Jesus eram notados pela pureza da linguagem, e para enganar bem a seus interlocutores e justificar o aspecto que assumira, Pedro negou então ao Mestre com imprecação e juramento. Novamente o galo cantou. Pedro o ouviu então e lembrou as palavras de Jesus: 'Antes que o galo cante duas vezes, três vezes Me negarás.' Marcos 14:30" (DTN, p. 501).

III. O OLHAR DE AMOR DE JESUS

- a. Leiamos Lucas 22:61 e 62, onde veremos um detalhe que Marcos não registra: "Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente". Lucas nos mostra o encontro do olhar de Pedro com o de Jesus. É um detalhe importante. Muitas vezes nossos gestos e nossa forma de olhar dizem muito mais do que nossas palavras. O olhar de Jesus foi tão expressivo que transpassou o coração de Pedro. Aquele que tinha jurado nunca se escandalizar em Jesus, que havia prometido amá-Lo sob quaisquer circunstâncias, agora viam a si mesmo como um traidor de suas promessas e de suas palavras.

- b. Pedro acabara de usar juramentos e palavras vis para negar que conhecia Jesus. Havia dito aos berros que o homem a quem amava não significava nada para ele. Nesse momento, o olhar de Jesus, que tudo sabe, cruzou com o seu. Sem dúvida, o olhar de Jesus revelava Seu coração quebrantado. Não eram os açoites e os deboches que mais O dilaceravam. Nenhuma mão inimiga podia desferir um golpe mais profundo do que a traição de um amigo. Enquanto suportava a zombaria da burla diante do tribunal, Cristo havia sido negado três vezes por um de Seus discípulos.
- c. No olhar de Jesus não havia ira ou condenação. Havia tristeza, compaixão e, acima de tudo, um profundo amor. E o amor é a força mais poderosa do universo. O amor faria o que a repressão, o ressentimento e a raiva não poderiam fazer. Do ponto de vista da natureza humana, o olhar de Jesus poderia ter sido de decepção, mas nosso maravilhoso Salvador não estava preocupado com Seus sentimentos como amigo negado. Ele estava mais preocupado com o bem-estar de Seu discípulo, Pedro, porque este poderia ser o início do fim para ele. O sentimento de culpa poderia tê-lo levado à autodestruição e à perda da salvação e da vida eterna. A incredulidade tem todo o potencial para arruinar a vida do cristão. Quanto a Judas, ele passou pela experiência de ser traidor e morreu sem esperança. Porém, o caso de Pedro foi diferente.
- d. Jesus sempre está com o olhar no ser humano. Seu olhar perscrutador e onipresente sempre está atento ao que ocorre a seus filhos. O problema é que, frequentemente, somos nós que afastamos o olhar de Jesus e ao assim fazermos ocorre o fracasso e a derrota. A salvação de Pedro foi possível porque, na terrível hora da angústia por haver negado a seu Mestre, Ele lhe dirige seu olhar. Judas também recebeu esse mesmo olhar de amor, mas manteve-se mais atento à sua própria culpa do que Àquele que podia libertá-lo da culpa.
- e. Querido amigo, nunca afaste seu olhar de Jesus. A vitória somente é encontrada mediante intenso relacionamento de amor com Jesus. Olhe para Jesus a cada momento. Inicie o dia em comunhão com o doce Mestre da Galileia, continue em Sua presença permanente ao longo do dia e finde o dia com Jesus no coração. Mas, se pelas circunstâncias da vida você se desviar do olhar de

Jesus e acabar derrotado, fracassado e humilhado, por favor, dirija uma vez mais seu olhar ao Senhor Jesus Cristo. Ele lhe dirigirá o mesmo olhar dado a Pedro; Ele curará as feridas de seu coração; restaurará completamente a sua vida; fará de você nova criatura e vencedor. Não se detenha a olhar para si mesmo, não dirija seu olhar para as pessoas, não rumine seu sentimento de culpa. Olhe para Jesus, o autor e consumidor da fé.

- f. Esse milagre ocorreu na vida de Pedro. Ao ver o rosto pálido e doente de Jesus, e ao sentir seu olhar de compaixão e perdão, seu coração foi comovido e sua consciência foi despertada. As lembranças lhe golpeavam a memória e ele se lembrou de que, poucas horas antes havia dito que iria com Jesus à prisão e à morte. Lembrou-se também de que Jesus lhe havia dito que naquela noite ele O negaria. Agora compreendia que o Salvador o conhecia, até mesmo muito melhor do que ele próprio se conhecia. Agora ele sabia quão falso o coração humano pode se tornar. Podia ver os terríveis resultados de confiar no próprio coração. “Lembrou a advertência: ‘Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça’ (Lc 23:31, [32](#)). Refletiu com horror em sua própria ingratidão, falsidade, perjúrio. Olhou uma vez mais para o Mestre, e viu sacrílega mão levantada para Lhe bater na face. Incapaz de suportar por mais tempo a cena, precipitou-se, coração quebrantado, para fora da sala. E avançou, pela solidão e a treva, sem saber nem cuidar para onde. Encontrou-se, enfim, no Getsêmani. A cena de poucas horas antes acudiu-lhe vivamente à memória. O rosto sofrido de Jesus, manchado de sanguinolento suor e convulsionado pela agonia, surgiu diante dele. Lembrou-se com atroz remorso que Ele chorara e Se angustiara sozinho em oração, ao passo que os que se Lhe deviam ter unido naquela probante hora estavam adormecidos. Lembrou-Lhe a solene recomendação: ‘Vigiai e orai, para que não entreis em tentação’ (Mateus 26:41). Testemunhou novamente a cena na sala do julgamento. Foi-lhe tortura ao coração a sangrar, saber que ajuntara o maior peso à humilhação e pesar do Salvador. No próprio lugar em que Jesus derramara a alma em agonia perante o Pai, Pedro caiu sobre o rosto e desejou morrer”.¹
- g. “Fora por dormir quando Jesus lhe recomendara vigiar e orar, que Pedro preparara o caminho para seu grande pecado. Todos

os discípulos, dormindo na hora crítica, sofreram grande dano. Cristo sabia a cruel prova por que eles haviam de passar. Sabia como Satanás havia de agir para lhes paralisar os sentidos, a fim de se acharem despercebidos para a prova. Fora por isso que lhes dera aviso. Houvessem aquelas horas no horto sido passadas em vigília e oração, e Pedro não teria ficado dependente de suas débeis forças. Não teria negado a seu Senhor. Houvessem os discípulos velado com Cristo em Sua agonia, e estariam preparados para Lhe contemplar os sofrimentos na cruz. Teriam compreendido, até certo ponto, a natureza de Sua avassaladora angústia. Teriam podido recordar-Lhe as palavras predizendo os sofrimentos, a morte e a ressurreição. Entre as sombras da mais probante hora, alguns raios de esperança teriam aclarado as trevas e lhes sustido a fé”.²

- h. Felizmente a vida de Pedro não termina aqui. A Bíblia registra a história de um homem transformado. O covarde Pedro, que negou seu Mestre, foi completamente restaurado por Jesus. Vemo-lo depois como intrépido ganhador de almas, como o amoroso pastor da grei, como o líder sábio da igreja primitiva. Ele também falhou, mas aprendera que o cristão não é isento de equívocos e de cair, mas que, quando isso ocorre, sua salvação e sua única esperança estão em dirigir o olhar a Jesus.

CONCLUSÃO

Incredulidade é a incapacidade de acreditar, de crer e confiar. Assim sendo, a incredulidade, basicamente, é desconfiar. No aspecto espiritual, é desconfiar de Jesus e tentar pôr nossa confiança em nós mesmos, em nossos raciocínios, em nossas habilidades e em nossos recursos materiais. Pedro confiava demasiadamente em seu próprio coração. Amava a Jesus, mas queria ter o controle de sua vida. Amava a Jesus, mas não o suficiente para depositar toda sua confiança nEle. Essa desconfiança de seu Mestre, essa incredulidade em Jesus, quase lhe destruiu a vida e o levou ao poço do desespero e da angústia. Porém, há esperança para aquele que cai no terrível inferno da incredulidade. Jesus é a esperança para o incrédulo. Jesus é o único que pode realizar o milagre da restauração plena. Quando as chamas da incredulidade estão a ponto de consumir nossa vida espiritual, nossa esperança e nossa salvação, Jesus olha para nós como fez a Pedro, com compaixão e amor infinitos. Por esse olhar, Pedro foi libertado de sua incredulidade.

APELO

Guilherme havia sido libertado do alcoolismo pelo poder do evangelho. Antes de conhecer Jesus, frequentemente ele cambaleava pelas ruas da cidade, em andrajos e com o hálito inconfundível do álcool. As pessoas fugiam dele. Muitas vezes dormia do lado de fora da casa. Não tinha família nem amigos. Certo dia, alguém lhe falou de Jesus e sua vida mudou completamente. Ele foi plenamente restaurado. Agora, caminhava com dignidade, tinha uma Bíblia sob o braço e pregava nos bares e cantinas que outrora frequentara. Certo dia, um grupo de incrédulos o viu pregar e começou a zombar dele. Para eles, Guilherme era uma pessoa sem instrução que nada tinha a ensinar aos outros. Em meio à zombaria, pediram-lhe para explicar sua doutrina, que falasse do que cria. Guilherme sabia que não podia argumentar com pessoas tão cultas e que tudo o que queriam era humilhá-lo. Nesse momento viu ao lado uma pequena fogueira; e rodeada pelo fogo uma lagarta se retorcia, sem ter escapatória. Então disse aos zombadores: “Olhem amigos, eu era como essa lagarta; o fogo do pecado me rodeava e estava destruindo a minha vida. Eu não tinha escapatória. Nenhuma filosofia ou doutrina me dava esperança”. Nesse momento, resistindo ao calor do fogo e diante da surpresa dos incrédulos, com sua própria mão tirou a lagarta do fogo. Ficou com os dedos e parte do braço chamuscados, e libertou a lagarta e a colocou em um lugar seguro. Então, olhando nos olhos de todos, disse aos interlocutores: “Cristo me agarrou com Sua mão e me salvou da fogueira do pecado. Agora sou uma nova criatura e tenho esperança, porque Jesus me salvou”.

É isso, queridos amigos, somente Jesus é nossa esperança. Permitamos que Ele nos liberte de nossa incredulidade, assim como ocorreu com Pedro. Abandonemos toda sombra de dúvida e de incredulidade e vamos a Jesus. Desejemos ser plenamente restaurados e sermos feitos novas criaturas em Seu nome. Você aceita a Jesus como seu Salvador? Amém.

Pr. Rubén Montero
Ministério Pessoal - UPS

REFERÊNCIAS

1. Ellen White, O Desejado de Todas as Nações, p. 501, 502.
2. Ibidem.



LIBERTOS DO MEDO

MATEUS 27:11-26

INTRODUÇÃO

Submarinos: Kursk x Squalus

No mês de agosto de 2000, a tripulação do submarino nuclear russo “Kursk” percebeu que essa poderosa embarcação estava afundando no mar de Barrents, perto do Oceano Ártico, por causa de uma explosão no compartimento de torpedos. Estavam a 118 metros de profundidade sem poderem salvar suas vidas. Se o governo russo não tivesse demorado em reconhecer a sua necessidade de colaboração dos países do ocidente, os tripulantes teriam sido salvos. Mas quando o fizeram, já era tarde demais. Os homens morreram pela falta de oxigênio. Uma das hipóteses porque o governo russo não aceitou o socorro, foi por medo de que países concorrentes obtivessem informações secretas contidas no Kursk.

Outro submarino, “Squalus”, teve uma sorte diferente do Kursk. Avariado no fundo do mar, eles dispararam bombas de fumaça e uma boia com um sinal telefônico. Seriam descobertos por alguma das navas irmãs? Poderiam ser auxiliados? Toda ajuda possível teria que vir de cima. Esperaram em meio do silêncio agonizante, e cada hora que passava lhes parecia um século.

Três horas depois do fatal mergulho, o couraçado “Sculpin” começou a busca e logo viu a bomba de fumaça. A nave irmã fez submergir um gigantesco aparelho de salvamento de 10 toneladas de peso, sendo submergido e emergido diversas vezes; e a cada vez, vários dos tripulantes foram trazidos à superfície, até que o último dos 33 homens, ainda vivo dentro do submarino, tivesse sido resgatado das profundezas. Ao ser

baixado este grande aparelho de salvamento, ninguém recusou ser resgatado. Antes de o Sculpin chegar, havia medo da morte; mas depois, todos ficaram mais que contentes, e aceitaram ser salvos da morte certa. O medo se dissipou e a esperança raiou sobre aqueles 33 tripulantes.

No primeiro caso, o medo de perder informações fez com que muitas vidas se perdessem. Mas, no caso do submarino Squalus, a busca da esperança fez com que apesar do medo, a perseverança os levasse a crer no socorro vindo de cima.

Amigos, se devemos ser salvos e ter um lugar no reino de Deus, temos que aceitar o caminho de salvação que Deus nos oferece. Recordemos que qualquer ajuda que possamos receber virá do alto, e não deste mundo. A salvação provém de Deus.

Hoje, estudaremos sobre alguém que, apesar de ter poder, riquezas e prestígio, se encontrava na condição de pecador; mas por medo não aceitou o socorro da salvação em Cristo Jesus. Seu nome é muito conhecido, Pôncio Pilatos.

Quem foi Pilatos: Pôncio Pilatos, foi governador da província romana da Judéia entre os anos 26 d.C. e 36 d.C., além de ter sido o juiz que condenou Jesus Cristo à morte na cruz.

I. A OPORTUNIDADE DE PILATOS

- a. Nos tempos bíblicos, dominados pelos grandes imperadores, qualquer pessoa incluindo os líderes de estado, só poderiam se aproximar do imperador mediante um convite, ou se o imperador estendesse o seu cetro real. Caso um governador ousasse aproximar-se do monarca sem o tal convite, poderia ser morto. Pilatos estava diante do imperador do universo: Jesus, o criador dos mundos, de acordo com João 1:1 e 2. Mas, a Pilatos foi concedido o direito e a oportunidade não apenas de permanecer vivo, mas de conversar com Jesus.
- b. O que você diria a Jesus, caso se encontrasse face a face com Ele? Diria que está desempregado(a)? Diria que está com problemas no seu casamento? Pediria que Jesus protegesse e salvasse seus filhos da influência das drogas e das coisas ruins deste mundo? Diria que está se sentindo solitário e sem rumo na vida?

- c. Pergunta de Pilatos – “Que é a verdade?” João 18:38
Pilatos, também, se valeu daquele momento para fazer uma pergunta a Jesus. Pilatos perguntou: que é a verdade? Sua pergunta foi muito interessante. O grande problema foi que Pilatos fez a pergunta, mas não estava disposto a ouvir a resposta de Jesus, pois imediatamente voltou a dialogar com os judeus.
- d. “Pilatos teve desejo de conhecer a verdade. Seu espírito estava confundido. Apegou-se ansioso às palavras do Salvador, e o coração agitou-se lhe num grande anelo de saber o que ela era realmente, e como a poderia obter. ‘Que é a verdade?’ indagou. Mas não esperou a resposta” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 638).

Antes da Sua prisão, falando a um público disposto a ouvi-Lo, O Salvador do mundo disse:

- a. “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6).
- b. “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17).

Para um mundo relativista, que nega haver uma verdade absoluta e permanente como a revelação de Deus nas Escrituras, onde cada pessoa constrói e vive sua própria fé, existe uma resposta absoluta quanto à verdade. Cristo é a verdade; e se alguém está em busca de um absoluto o encontrará na pessoa de Jesus.

II. A ADMIRAÇÃO DE PILATOS POR JESUS - MATEUS 27:14

- a. “O aspecto de Cristo produziu favorável impressão em Pilatos. Foi despertado o lado melhor de sua natureza. Ouvira falar de Jesus e Suas obras. Sua esposa contara-lhe alguma coisa dos maravilhosos feitos realizados pelo Profeta galileu, que curara os doentes e ressuscitara os mortos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 635).
- b. Pilatos comoveu-se profundamente com a paciência e a resignação de Jesus. Ficou admirado e viu que não havia culpa alguma naquele homem. Todavia, não teve coragem o bastante para soltá-Lo e tornar-se um dos seus seguidores.

- c. Não basta admirá-Lo, temos que aceitar Jesus como Salvador e Senhor, ainda que muitos o rejeitem. Muitos têm apreço pela história de Jesus, mas têm medo de aceitar o Jesus da história e permitir que Ele mude os rumos da sua vida para sempre.

III. A ADVERTÊNCIA DA ESPOSA DE PILATOS - MATEUS 27:19

- a. “Mesmo então Pilatos não foi deixado a agir às cegas. Uma mensagem de Deus o advertiu do que estava para cometer. Em resposta às orações de Cristo, a esposa de Pilatos foi visitada por um anjo do Céu, e vira em sonho o Salvador, e com Ele conversara. A mulher de Pilatos não era judia, mas ao olhar a Jesus, durante o sonho, não tivera dúvidas de Seu caráter e missão. Sabia ser Ele o Príncipe de Deus. [...] Enquanto Pilatos hesitava quanto ao que havia de fazer, um mensageiro, abrindo apressadamente caminho por entre a multidão, passou-lhe uma carta de sua esposa, que dizia: ‘Não entres na questão deste justo, porque num sonho muito sofri por causa dEle’. Mateus 27:19” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 517).
- b. É interessante como Deus, na Sua misericórdia e amor pelos pecadores, sempre providencia meios de ensinar, exortar e aconselhar as pessoas quanto ao melhor caminho a seguir. No caso de Pilatos, Deus usou a sua esposa.
- c. Deus usa pessoas como Seu principal instrumento de proclamação do evangelho.
 - a. Deus usou uma menina cativa para possibilitar cura a Namã – 2 Reis 5:2 e 3.
 - b. Deus usou Ananias para consolidar a decisão de Paulo – Atos 9:10, 17 a 18.
 - c. Deus usou Paulo para salvar a família do carcereiro – Atos 16:30 e 31.

Deus está usando alguém aqui hoje para abençoar você e ajudá-lo no caminho da salvação. No caso da mulher de Pilatos, foi utilizado um bilhete, informando-o sobre Jesus. Hoje Deus nos faz conhecer o plano da salvação através do maior “bilhete” já escrito, a Bíblia Sagrada. Sim, nós precisamos estudar a Bíblia e conhecer o plano que Deus tem para a nossa vida.

IV. O FRACASSO DE PILATOS

- a. Pilatos tinha nas mãos a decisão, chegou até a impressionar-se com Jesus, mas preferiu se posicionar em favor da vontade dos líderes religiosos e do povo. Existe um ditado popular, que diz: “A voz do povo é voz de Deus”, mas em muitos momentos, esse ditado é falho. Nem sempre seguir a grita da multidão é a melhor opção. Todavia, a voz de Deus ecoa nos corações através das impressões que o evangelho vivo causa em nossa vida. Então, podemos dizer, sem medo de errar, que a Palavra de Deus é a voz de Deus.
- b. Não deveríamos agir como Pilatos que, por medo de perder o seu poder político, medo de ser comparado a um dos humildes seguidores de Jesus, medo de perder o seu prestígio, lavou suas mãos, mas não pôde lavar a sua consciência. Eusébio de Cesareia, em sua História Eclesiástica, afirma que Pilatos caiu em desgraça diante do imperador romano Calígula e ferido em seu orgulho e atormentado de remorsos, cometeu suicídio por volta do ano 37 d.C.
- c. Hoje, somos poderosamente impressionados através do evangelho, da boa notícia que a Palavra de Deus nos traz sobre a salvação em Jesus. E não devemos ter medo de quaisquer que sejam as consequências, quando o assunto for seguir a Jesus e a Sua palavra. Não devemos permitir que o medo nos impeça de sermos verdadeiramente livres em Jesus.
- d. No século XVI, o mundo religioso vivia sob a teologia do medo. Milhares de pessoas viviam com medo do inferno e do tormento eterno. Em contrapartida a igreja dominante de então apresentava as indulgências como a esperança para aqueles que não queriam sofrer pela eternidade. O medo era aplacado pela compra de indulgências. Em meio a tudo isso, surge um homem, conhecido como Martinho Lutero. Monge da igreja que vivia se autoflagelando, tentando aplacar a ira de um Deus que mais queria punir do que salvar. Um dia o monge Lutero se encontrou com o exemplar de uma Bíblia. Ele passou a estudar aquela Bíblia e nela conheceu a verdadeira mensagem da salvação, de um Deus que está disposto a salvar e a perdoar as pessoas gratuitamente. Lutero chegou a ser ameaçado de excomunhão, tortura e morte devido

a suas novas convicções e crenças. Mas, ele não teve medo. Muito pelo contrário, Lutero sentia-se seguro na Palavra de Deus e passou a ensinar a verdadeira mensagem da salvação a milhares de pessoas. Quanto mais ele lia as Escrituras, mais Lutero se enchia de coragem para viver e ensinar sobre a Bíblia. Foi então que passou a escrever e compartilhar sua nova alegria de paz com milhares de pessoas. Em 1517, no dia 31 de outubro, Martinho Lutero decidiu fixar na porta da igreja do castelo de Witemberg as famosas 95 teses, protestando convictamente contra os falsos ensinamentos de então.

CONCLUSÃO

Precisamos sair da zona do medo e pôr em Deus a nossa confiança!

Na noite de 14 de abril de 1912, por volta das 23h, o grande cruzeiro Titanic naufragou, após colidir com um iceberg. A bordo estava o pastor John Harper. Quatro anos antes sua esposa havia falecido, deixando uma filha, agora com seis anos de idade. Em meio ao terrível desastre, o pastor John entregou sua filha a alguém, para que estivesse segura em um dos pequenos barcos e permanecendo no Titanic a afundar dizia: “Mulheres, crianças e não convertidos entrem nos barcos”. Depois que o navio desapareceu sob a água escura, deixando Harper se debatendo nas águas geladas, ouviram-no incentivando os que estavam à sua volta a confiar em Jesus Cristo. Duas horas e quarenta minutos depois do Titanic colidir com o iceberg, ele afundou nas águas geladas. Centenas se ajuntaram em barcos e botes salva-vidas, e outros se agarraram a pedaços de madeira esperando sobreviver até que chegasse socorro. Durante cinquenta minutos horríveis gritos de socorro encheram a noite. Eva Hart disse: “O som das pessoas se afogando é algo que não posso descrever para você. E ninguém mais pode. É um som horrível. E há um silêncio terrível que o segue”. O sobrevivente coronel Archibald Gracie chamou isso de “a cena mais lastimável e horrível de todas. Os gritos comoventes dos que estavam à nossa volta ainda soam nos meus ouvidos, e eu me lembrarei deles para o resto da minha vida”. Durante aqueles cinquenta minutos, um homem permaneceu agarrado a uma tábua e as águas o aproximaram de John Harper. Harper, que estava se debatendo na água, gritou: “Você é salvo?” A resposta foi: “Não”. Harper gritou as palavras da Bíblia: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”. Antes de responder, o homem

sumiu na escuridão. Mais tarde, as ondas os aproximaram novamente. Mais uma vez Harper, que estava morrendo, gritou a pergunta: “Você é salvo?” Mais uma vez ele recebeu a resposta: “Não”. Harper repetiu as palavras de Atos 16.31: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”.

Harper, que estava se afogando, soltou, então, as mãos do objeto em que se segurava na água gelada e desceu para seu túmulo no oceano. O homem que ele tentou evangelizar confiou em Jesus Cristo. Mais tarde ele foi socorrido pelos barcos salva-vidas do navio S.S. Carpathia. Em Hamilton, Ontário, esse sobrevivente testemunhou que foi o “último convertido” de John Harper. Esse pregador morreu pregando o evangelho corajosamente.

APELO

O medo é parte inerente da vida humana após a entrada do pecado. Um pouco de medo pode até ajudar em algumas situações. Contudo, quando o medo nos impede de fazer o que é certo e de tomar uma decisão em favor de Cristo, acaba nos privando da verdadeira liberdade. Pilatos perdeu a maior oportunidade de sua vida porque teve medo de assumir Jesus como o verdadeiro filho de Deus. Não perca o privilégio de ser livre por causa do medo. Não permita que o medo de perder familiares, emprego, amigos ou qualquer outra coisa o impeça de ter um encontro com Jesus. Levante-se agora, e sem medo, entregue seu coração nas mãos de Deus! Experimente ser verdadeiramente livre!

Pr. Edimilson Lima
Ministério Pessoal - UCB



LIBERTOS DA CONDENACÃO

LUCAS 23:39-43

INTRODUÇÃO

O significado de um evento geralmente pode ser notado pela frase: “Lembro-me exatamente onde eu estava naquele dia...” Basta dizer “11 de setembro de 2001” que já é o suficiente para nos transportar ao trágico evento que está gravado em nossas memórias.

Mas nada se compara ao dia mais trágico da história do universo. Aquele dia foi diferente de todos os outros dias do passado e do futuro. Foi um dia de traição e desapontamento. Dia em que o sol escureceu na hora de sua maior força e a Terra foi sacudida como se tremesse diante da terrível cena do Calvário. Foi um dia em que Cristo clamou em agonia: “Deus Meu, Deus Meu, por que me desamparaste?” (Mt 27:46); dia em que Seus próprios discípulos o abandonaram e fugiram. Foi o dia em que homens e mulheres pareciam haver voltado a face de ódio para o Céu e Deus voltado para a Terra a face do amor. Este foi o dia em que Cristo morria para nos livrar da condenação eterna.

Olhemos neste momento para o monte do sacrifício onde estão cravadas três cruzes - a cruz da rebelião, a cruz do arrependimento, e a cruz da redenção. O Mestre está pregando seu último sermão. Seu púlpito é uma cruz. Seu auditório, basicamente duas pessoas: dois homens que viviam na criminalidade, dois ladrões que rejeitaram muitas vezes o apelo divino e como consequência de seus erros, estão agora, pendurados na cruz, esperando a morte. Jesus está no meio deles. O mestre está morrendo pelo pecado. O ladrão rebelde está morrendo no pecado. E o ladrão arrependido está morrendo para o pecado.

É nosso objetivo, através desta mensagem, mostrar que a história da raça humana está representada nas três cruzes e que somos libertos

da condenação eterna pelo soberano poder do Cristo crucificado e ressurreto.

I. A CRUZ DA REBELIÃO: MORRENDO NO PECADO

1. A condenação eterna é o destino inevitável de todo aquele que pensa que liberdade é fazer o que se deseja.
 - a. Quando o homem é verdadeiramente livre? Esta é, sem dúvida alguma, uma das perguntas mais difíceis de se responder. Talvez alguém diga que o homem é livre quando pode fazer sua própria escolha.
 - b. Em Romanos 5:12, diz: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.” Isto significa que a queda do primeiro homem, Adão, tornou a raça humana condenada ao pecado e à morte eterna. Portanto, não há como se falar em liberdade, sem se falar do pecado e sua consequência.
2. O entendimento equivocado de liberdade nos aprisiona em um cativeiro invisível.
 - a. A característica principal do homem escravizado pelo pecado é seu equivocado entendimento de que ser livre é possuir sabedoria para decidir o próprio destino.
 - b. A questão é que este homem não consegue livrar-se de suas próprias mazelas e vive aprisionado por um cativeiro invisível (Rm 1:28-31). Ele caminha inevitavelmente para uma condenação final.
 - c. Não é fácil identificar o cativeiro em que vivemos, simplesmente porque o pecado cega nosso entendimento.
3. O ladrão não arrependido está cego para a realidade de uma condenação eterna.
 - a. O ladrão na cruz da rebelião se une à zombaria e exclama: “Se tu és o filho de Deus salva-te e salva-nos.” (Lc 23:39). Ele sente que precisa de Jesus. Suspeita que Jesus pode fazer alguma coisa por ele. O problema deste homem é que não sente necessidade espiritual; ele é consciente apenas de sua necessidade

física: “Estar pendurado aqui é horrível” - pensa. E logo suplica a Jesus: “Se você é, quem diz que é, livra-nos dessa cruz.”

- b. Ele não está preocupado em salvação. Ele não quer saber nada de vida eterna. Não está consciente de sua condenação, não está arrependido, não confessa. Ele somente quer alívio da difícil situação em que se encontra.
- c. Este primeiro ladrão mostra a realidade dos nossos dias. Muitos estão cegos, e seguem a Jesus simplesmente por interesses terrenos e não percebem as verdadeiras motivações que tem para seguir a Jesus.

II. A CRUZ DO ARREPENDIMENTO: MORRENDO PARA O PECADO

- 1. Este ladrão está plenamente convencido de que seu problema é mais profundo.
 - a. Essa é a cruz do arrependimento. O ladrão sobre esta cruz não era um criminoso endurecido. Gostaria de ver-se livre daquela situação, mas sua oração não é para sair da cruz. Ele entende que embora o seu problema imediato é estar pregado na cruz, há um problema mais profundo: Ele é um miserável pecador.
 - b. Ele percebe que em seu coração está a natureza pecaminosa que o empurrou a vida toda para o pecado. Ele não quer somente ser livrado da situação angustiante da cruz; quer ver-se livre da consequência final do pecado: a condenação eterna. Por isso, repreende o seu colega e diz: *“Este não fez mal nenhum. Nós, com justiça, padecemos porque **recebemos o que nossos feitos merecem...**”* (Lc 23:41).
 - c. Aqui está o primeiro passo que precisamos dar: Reconhecer que nosso verdadeiro problema é não ter dado a Jesus o primeiro lugar em nossa vida.
- 2. Ele não perdeu tempo tentando explicar seus pecados.
 - a. O segundo ladrão percebe sua situação, ele reconhece que merece a condenação, ele não se esconde, não se justifica, não explica, não argumenta, não joga a culpa nos outros. Ele simplesmente reconhece que sua vida passada esteve cheia de erros porque nasceu e viveu em pecado.

- b. Precisamos entender definitivamente, que ***o pecado não precisa de explicação. Ele*** só precisa ser reconhecido. Não devemos jogar a culpa nas circunstâncias ou nas outras pessoas.
 - c. Se você tomar consciência de sua situação, se a reconhecer e aceitar, já deu o primeiro grande passo para livrar-se da condenação.
3. E clamou diante do único Ser do universo capaz de livrá-lo da condenação eterna.
- a. Um segundo passo precisa ser dado: que é clamar por ajuda. Aquele homem clamou: ***“Senhor, lembra-Te de mim...”*** (Lc 23:42).
 - b. O verdadeiro arrependimento nos leva à confissão dos nossos pecados. E quando confessamos, nós reconhecemos nossa insuficiência e suplicamos ao único suficientemente digno para nos livrar da culpa e da morte eterna.
4. Aquele segundo ladrão entronizou Cristo como Rei de sua vida.
- a. Reconheceu Jesus como Rei. Ele disse: “Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino” (Lc 23:42).
 - b. Não basta aceitar Jesus como Salvador. É preciso também aceitá-Lo como Rei, porque se o aceitarmos apenas como Salvador, estaremos aceitando unicamente o perdão. E recebendo apenas o perdão, continuaremos escravos do pecado.
 - c. Quando Jesus nos perdoa, não perdoa para continuarmos derrotados. Quando Ele nos perdoa, também nos transforma para vivermos uma vida vitoriosa. Ele quer ser o soberano de nossa vida, vitorioso em nossa experiência.
 - d. Uma pessoa é verdadeiramente livre quando o pecado não tem mais domínio sobre ela, e quando a palavra de Cristo domina seu coração e sua vida.

III. A CRUZ DA REDENÇÃO: MORRENDO PELO PECADO

- 1. O ladrão arrependido foi capaz de discernir que o homem da cruz no centro não estava morrendo uma morte comum.
 - a. Quando Jesus esteve nesta Terra, muita gente o seguia porque Ele curava e fazia milagres. Muita gente seguia o Jesus capaz

de multiplicar pães e peixes: “Já imaginou se nós tivéssemos um rei capaz de multiplicar pães e peixes, nunca passaríamos fome”. Muita gente seguia a Jesus por motivos materiais.

- b. Mas, em quem acreditou o ladrão arrependido? Em um Jesus crucificado, em um Jesus que não estava ali para fazer milagre algum. Suas mãos estavam pregadas, já não podiam curar ninguém. Seus pés estavam pregados, já não podiam caminhar na direção daqueles que precisavam de um milagre. Já não podia ensinar porque seus discípulos o tinham abandonado.
 - c. Aquele ladrão foi capaz de acreditar em um Jesus assim, em um Jesus que não lhe promete pão, nem peixe, que não lhe promete cura e que não terá tempo de ensinar muita coisa, porque suas horas de vida estão contadas. E o ladrão também não pede nada disso, embora precisasse disso tudo, ele simplesmente disse: “Lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.” (Lc 23:42).
 - d. Cristo está voltando e quando Ele voltar virá para estabelecer seu Reino. Estamos prontos para nos encontrar com o Rei do universo? Você o aceitou como Salvador e também como Rei? Quais são as motivações que o levam a seguir a Jesus?
2. O homem que morria pelo pecado tinha uma promessa que era maior do que tudo que aquele ladrão poderia ter.
- a. A resposta de Jesus a este ladrão: “Em verdade, em verdade te digo. Estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43). A promessa de Jesus é maior do que tudo aquilo que podíamos ter aqui nesse mundo. Ele promete nos livrar de toda condenação.
 - b. Jesus está voltando e naquele dia nunca mais estaremos sozinhos. Habitaremos com Ele no Seu Reino celeste. Não haverá mais dor, nem tristeza, nem sofrimento, nem mais angústia, nem mais lágrimas. Estaremos para sempre no Reino de Deus.
 - c. É verdade que quando vamos a Jesus, Ele poderá devolver-nos a saúde; ele poderá nos dar um bom emprego; Ele tem poder para isso! Contudo, o que é que você está querendo quando segue a Jesus? São seus pedidos de oração atendidos, seus problemas imediatos solucionados, ou você está disposto, como o ladrão, a dizer: “Senhor, eu não te peço que me tires da cruz, eu só te peço que te lembres de mim.”

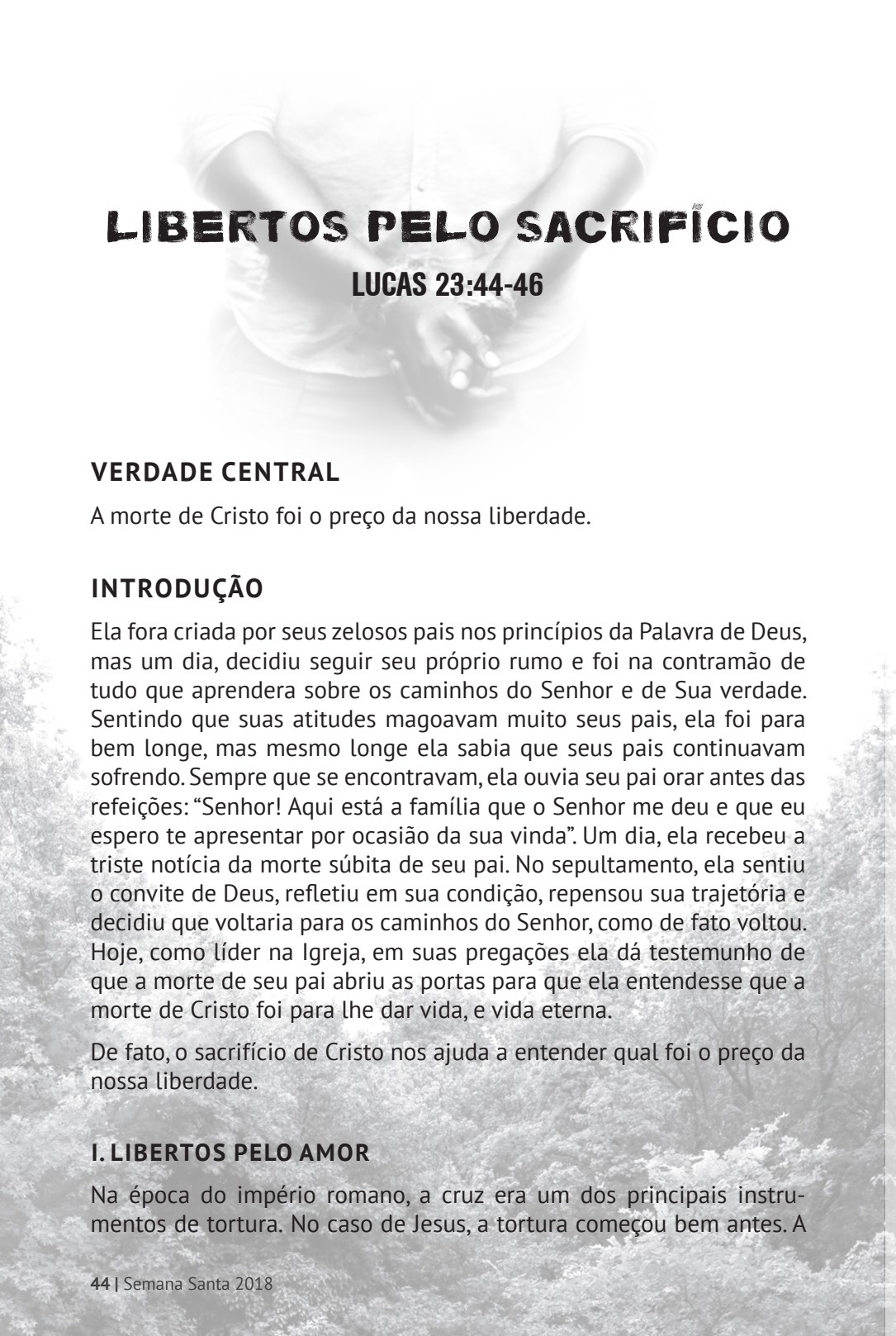
CONCLUSÃO

1. Jesus pregou seu último sermão lá na cruz e teve dois ouvintes em especial. Um deles buscou a Jesus apenas por motivos egoístas e não conseguiu enxergar a dimensão da bênção espiritual. Fechou seu coração e morreu sem esperança. O outro enxergou a sua miserável situação de pecador. Ele clamou por perdão e pediu salvação. Jesus não o tirou da cruz, não o libertou da morte. O ladrão morreu, mas morreu livre da condenação eterna.
2. Aquelas três cruzes simbolizam rebelião, arrependimento e redenção. Olhe para o que aconteceu no Calvário e tome a decisão certa! Abandone a rebelião contra Deus e Seu convite de amor, arrependa-se reconhecendo Jesus como seu Senhor e receba a redenção e vida eterna que só Cristo pode dar.

Olhe para o monte Calvário e reconheça que só em Cristo somos libertos da condenação, pois “agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1).

Gostaria você de aceitar a liberdade da condenação obtida pelo sacrifício de Cristo em seu favor?

Pr. Jomarson Dias
Ministério Pessoal - UCoB



LIBERTOS PELO SACRIFÍCIO

LUCAS 23:44-46

VERDADE CENTRAL

A morte de Cristo foi o preço da nossa liberdade.

INTRODUÇÃO

Ela fora criada por seus zelosos pais nos princípios da Palavra de Deus, mas um dia, decidiu seguir seu próprio rumo e foi na contramão de tudo que aprendera sobre os caminhos do Senhor e de Sua verdade. Sentindo que suas atitudes magoavam muito seus pais, ela foi para bem longe, mas mesmo longe ela sabia que seus pais continuavam sofrendo. Sempre que se encontravam, ela ouvia seu pai orar antes das refeições: “Senhor! Aqui está a família que o Senhor me deu e que eu espero te apresentar por ocasião da sua vinda”. Um dia, ela recebeu a triste notícia da morte súbita de seu pai. No sepultamento, ela sentiu o convite de Deus, refletiu em sua condição, repensou sua trajetória e decidiu que voltaria para os caminhos do Senhor, como de fato voltou. Hoje, como líder na Igreja, em suas pregações ela dá testemunho de que a morte de seu pai abriu as portas para que ela entendesse que a morte de Cristo foi para lhe dar vida, e vida eterna.

De fato, o sacrifício de Cristo nos ajuda a entender qual foi o preço da nossa liberdade.

I. LIBERTOS PELO AMOR

Na época do império romano, a cruz era um dos principais instrumentos de tortura. No caso de Jesus, a tortura começou bem antes. A

caminho da cruz, ele foi maltratado e açoitado. Aquela cena dramática foi marcada por agressão com chicotes de tiras de couro com pequenas bolas de ferro na ponta. O couro batia na pele enquanto o ferro rasgava a carne. Somente depois de todo esse sofrimento é que vinha a crucificação. No plano da salvação de Deus, tudo isso era desnecessário. O cordeiro que representava Cristo era morto com dignidade e sem sofrimento. Toda a tortura e maldade que envolveu a morte de Cristo fica por conta do ódio de Satanás que instigava aqueles carrascos. Jesus poderia ter desistido, mas mesmo diante da injustiça de sua morte, Ele resistiu como uma imensa prova de amor. Como nos lembra o apóstolo Paulo, na cruz, Deus provou seu “amor para conosco” (Rm 5:8), mesmo sem ter a garantia de uma resposta positiva.

O impacto da cruz sobre os primeiros cristãos foi tremendo. Ele não foi considerado simplesmente como um fato histórico, mas como algo transformador. Seu efeito sobre a vida dos discípulos foi impressionante! A cruz alavancou sua fé. Eles perderam o medo, não mediram as consequências para pregar o evangelho e se entregaram completamente em resposta a essa prova de amor. Aos 75 anos, Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, Tiago foi decapitado, André foi crucificado, Mateus foi morto à espada, Felipe foi enforcado, Tomé foi atravessado por uma lança, Marcos foi arrastado pelas ruas de Alexandria, Lucas acabou enforcado, Estêvão, apedrejado e Paulo, decapitado. Diante da cruz, o medo foi substituído pela ousadia em prol do cumprimento da missão de forma que, já no século 2 d.C., a cruz tornou-se o símbolo principal representativo da fé cristã. No Novo Testamento, vinte e cinco por cento dos evangelhos são dedicados a apresentar a morte de Cristo. Se o restante de sua vida fosse relatado com os mesmos detalhes, precisaríamos de pelo menos 8.400 páginas de descrição!

Será que o valor de nossa vida corresponde ao preço desse sacrifício? Alguém teve a curiosidade de fazer as contas e descobriu que valemos bem pouco. Em média, nosso corpo equivale a 30 litros de água, gordura para fazer sete pedaços de sabão, carvão para alguns lápis, ferro para um prego, cal para caiar um galinheiro e enxofre para tirar as pulgas de um cachorro. Fazendo as contas rapidamente, não é difícil descobrir o baixo valor do nosso corpo. Porém, olhando para a cruz, fica evidente o alto preço e o grande valor que Deus colocou sobre nós.

O amor verdadeiro não se revela só com palavras, mas com atitudes. Deus foi além das declarações de amor quando o “Verbo se fez carne

e habitou entre nós” (Jo 1:14). Ele “deu o seu filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça” (Jo 3:16). Diante de expressões tão claras do amor de Deus, qual é a prova de seu amor para com Ele? Diante da cruz, nossa melhor resposta é reconhecer que não somos nada, Deus é tudo, e entregar nossa vida a Ele. Diante do estrondoso escândalo da cruz, é natural que nossa resposta seja abraçar a graça, renovar a confiança de que Deus é nosso Salvador e sair com pressa para compartilhar a mensagem do Salvador que morreu por todos, preparando o caminho para o Rei que virá.

“Da cruz depende toda a nossa esperança” (*Atos dos Apóstolos*, p. 116). Paulo, diante de várias complexidades da vida religiosa, decidiu nada saber [...], senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2:2).

II. LIBERTOS PELA MORTE

Por que Jesus, o próprio Deus, teve que vir aqui e morrer? Vejamos, pelo menos, três motivos para a morte de Jesus:

1. Jesus morreu porque necessitávamos de um Salvador.

Através de um homem a morte entrou no mundo, como consequência do pecado (Rm 5:12). Tomando em conta que pecado é a transgressão da santa Lei de Deus (1Jo 3:4) e que todos as pessoas pecaram (Rm 3:23), logo, todos deveríamos perecer eternamente, a fim de extinguir-se a maldição do pecado. Entretanto, eis que surge a boa notícia: “porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6:23).

2. Jesus morreu para extinguir o reino de Satanás.

A Bíblia fala de duas expulsões de Satanás: a física e a moral. A primeira ocorreu quando ele foi expulso do Céu (Ap 12:7-9) e a segunda, na cruz (Jo 12:32). Jesus veio para reivindicar o caráter de Deus (Jo 17:25, 26) e destruir as obras do Diabo (1 Jo 3:8). Ao ser levantado na cruz, Cristo atraiu todos para Deus (Jo 12:32). Como instigador da morte do Filho de Deus (Jo 8:44), Satanás foi então desmascarado, antipatizado, e desacreditado perante o expectante Universo.

3. Jesus morreu para cumprir as profecias bíblicas.

Quando Pedro tentou livrá-lo de seus perseguidores, o Senhor repreendeu-lhe: “Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as

quais assim deve suceder?” (Mt 26:54). Mesmo após a ressurreição, os cristãos ainda não compreendiam a necessidade da morte de Cristo. “Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24:45).

A morte de Cristo nos mostrou que jamais alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos tão grandes. A morte de Cristo nos mostrou que Jesus se fez filho do homem para que nos tornemos filhos de Deus. A morte de Cristo nos mostrou que o maior fato do universo não foi o homem pisar na lua, mas o filho do homem pisar na terra por amor. A morte de Cristo nos mostrou que no Éden o homem se colocou contra Deus, mas na cruz Deus se provou a favor do homem. A morte de Cristo nos mostrou que no Éden, o primeiro Adão renunciou a vontade de Deus para fazer a sua vontade, mas na cruz, o segundo Adão renunciou à Sua vontade para fazer a vontade de Deus. A morte de Cristo nos mostrou que Adão foi derrotado na plena luz do Éden, mas Jesus foi vitorioso na total escuridão da Cruz.

III. LIBERTOS DO PECADO

Na cena do calvário estava retratada toda a história da humanidade e na cruz do centro, um Deus-homem morria pelos nossos pecados revelando-se, de uma vez por todas, o Salvador da humanidade.

“Unicamente o poder da cruz pode separar o homem da poderosa confederação do pecado” (*Filhos e Filhas de Deus*, MM 1956, 245). Se você está lutando contra um pecado no seu trabalho, só Jesus pode te libertar. Se você está lutando contra um pecado que está destruindo sua fé, só Jesus pode te libertar. Se você está lutando contra um pecado que está destruindo seu corpo, só Jesus pode te libertar. Deus não precisou do Calvário para mudar o que pensava sobre nós, Ele precisava do Calvário para mudar nossa mente sobre Ele.

CONCLUSÃO

O berço da estrebaria, o pão que dividiu, o jumentinho em que montou, o barquinho em que se equilibrou, o túmulo que o acolheu, nada era dEle, tudo emprestado! Inclusive a rude cruz, onde Ele morreu e nos libertou, essa também não era dEle. Aquela cruz era minha e era sua!

APELO

“E ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2:7). Que cena emblemática! O Senhor do Céu veio à Terra, nascido de uma virgem, mas não havia lugar para Ele. Anos mais tarde, também não havia lugar para Ele no coração dos que presenciaram Seus ensinamentos maravilhosos, Seu espírito amável, Sua morte dolorosa e gloriosa ressurreição. Hoje, Ele deseja um lugar na sua vida, há lugar para Ele em seu coração?

Jesus provocou duas reações principais nas pessoas com quem teve contato: rejeição ou adoração. Só existem essas duas opções e você também, precisa se decidir. Ou esse homem é o Filho de Deus, ou é um louco. Você pode rejeitá-lo ou ajoelhar-se perante Ele. Qual será sua decisão?

Pr. Eber Nunes
Ministério Pessoal - USEB



LIBERTOS ENFIM

MARCOS 16:1-11

INTRODUÇÃO:

Uma garotinha de aproximadamente três anos disse algo que chocou a todos que estavam presentes no sepultamento de sua jovem mãe. Ela surgiu inesperadamente entre as pessoas e desabou: “Pastor, não deixe que coloquem minha mãe dentro deste buraco, tire a mãe daí”. A cena é triste, afinal, a morte parece ser o fim de tudo, ela se assemelha a uma verdadeira prisão, mas não é, graças a ressurreição de Jesus. Por meio de Cristo, a esperança cristã está segura e alicerçada sob três poderosos e inabaláveis pilares: Sua encarnação, Sua morte e Sua ressurreição.

VERDADE CENTRAL:

Jesus havia afirmado em várias ocasiões que ressuscitaria, porém, as pessoas que andavam próximas a Ele não compreenderam o significado das Suas palavras. A ressurreição prova que Jesus é quem afirmava ser: o Filho de Deus (Rm 1:4). A ressurreição trouxe para a cruz um significado que os discípulos, em sua visão restrita, não conseguiram vislumbrar na sexta-feira da crucifixão. Compreender, no entanto, a ressurreição trouxe para aqueles homens uma força poderosa que mudou o curso da história. A ressurreição está intimamente ligada com a crucifixão, jamais podendo ser separadas. O poder da mensagem tem seu ponto central no Cristo crucificado e que agora vive. Da ressurreição depende praticamente tudo aquilo que é vital e singular no evangelho do Senhor Jesus Cristo, por isso, o apóstolo Paulo afirmou: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé” (1 Co 15:17).

DESENVOLVIMENTO

I. A RESSURREIÇÃO DE JESUS: UM FATO ANUNCIADO (JO 11:25).

- a. Durante o Seu ministério terrestre, Jesus operou vários milagres: deu visão aos cegos, alimentou multidões, transformou água em vinho, curou leprosos, caminhou sobre a água, expulsou demônios, realizou a cura de diferentes doenças, acalmou uma tempestade, ressuscitou mortos (Mc 5:35-43; Lc 7:11-17; Jo 11:1-46) e realizou outros tantos milagres que o mundo todo não poderia conter os livros “que seriam escritos” sobre o que Ele fez (Jo 21:25). Durante Seu ministério, Jesus, afirmou categoricamente que iria morrer e que em três dias ressuscitaria. Apresentava assim, um propósito de salvação em Sua morte e ressurreição. Ao ressuscitar os mortos, Ele dava aos Seus seguidores uma clara demonstração do poder de Deus sobre a morte, tornando assim a promessa de Sua ressurreição uma verdade que deveria ter sido mais facilmente aceita por seus seguidores (Mt 12:40, 26:61; Mc 8:31, 9:31, 10:34, 14:58; Jo 2:19, 10:18).
- b. Numa tentativa de enfraquecer o poder do evangelho no coração do ser humano, algumas teorias surgiram sobre a ressurreição: segundo a Teoria do Mito, por exemplo, Jesus nunca existiu. Cristo estaria na mesma categoria dos personagens dos contos de fada. O que está descrito sobre Ele nos evangelhos seria fantasioso e exagerado. Já na Teoria do Desmaio, alega-se que Jesus estava ainda vivo quando foi retirado da cruz. Assim, ao recuperar-se apareceu para algumas pessoas e depois morreu definitivamente ou se escondeu para evitar ser preso novamente. Outro grupo defende a Teoria da Alucinação, sugerindo que os discípulos tiveram uma alucinação coletiva provocada pelo estado de choque que se encontravam e, por isso, alegavam ter visto a Jesus. Na Teoria do “Oops”, os discípulos se enganaram, pois, haviam estado num sepulcro errado. Por último, existe a Teoria da Conspiração segundo a qual os discípulos são dados como mentirosos; teriam roubado o corpo e inventaram essa história com intuito de criar um novo movimento.
- c. A ressurreição, porém, é um assunto bíblico. Se as teorias mencionadas fossem verdade, os discípulos de Cristo seriam in-

capazes de sustentá-las por tanto tempo sofrendo terríveis perseguições e martírios. O Novo Testamento, como já vimos nas passagens mencionadas, de forma clara e explícita reafirma essa verdade. O Antigo Testamento também apresenta passagens específicas que tratam da ressurreição. O livro de Jó, por exemplo, expressa a confiança de que o poder redentor e restaurador de Deus transcende tanto os problemas presentes quanto a morte (Jó 19:25-27). Jó confiava em Deus como o seu go'el, ou seja, um parente resgatador, mesmo se ele precisasse passar pela morte. Isaías também apresenta a noção de esperança ante a morte. Em Isaías 25:8 o autor reitera que Yahweh acabará com a morte para sempre e enxugará as lágrimas de todos os rostos, e Isaías 26:19 se refere claramente à ressurreição dos justos que morreram. O livro do profeta Daniel por sua vez, especialmente no capítulo 12 verso 2 faz referência à ressurreição de indivíduos, especificando dois tipos de ressurreição, uma de justos e outra de ímpios.

- d. É importante mencionar que, qualquer compreensão da salvação seria incompleta sem a doutrina da ressurreição. O propósito de Deus é restaurar plenamente a vida que Ele tinha em mente no princípio, a qual superará a tragédia do pecado e da morte. A expiação só pode ser completa quando as criaturas de Deus libertas de sua mortalidade, são transformadas para a imortalidade. Essa é a razão porque as declarações de Paulo são tão incisivas: “tudo é vão se Cristo não ressuscitou” (1 Co 15:14).

II. A RESSURREIÇÃO DE JESUS: ATITUDES PRÁTICAS PARA A VIDA (1 CO 15:17-19)

- a. Sendo assim, pelo fato de ter Cristo ressuscitado, cada pessoa pode desenvolver uma atitude positiva e mais compreensiva em relação ao próprio corpo. Infelizmente, existem conceitos que levam à deturpação do corpo, o que já existia nos tempos de Paulo e que de certa forma continuam existindo em muitos grupos. Os coríntios, por sua vez, tinham uma compreensão equivocada sobre o corpo. Um grupo, chamado de epicureus, defendia a ideia de que o corpo era destinado ao prazer, para ser utilizado em práticas sexuais ilícitas; enquanto os estoi-

cos consideravam que o corpo devia ser preservado até mesmo do contato íntimo com a esposa. Para refutar esses conceitos, Paulo utilizou o tema da ressurreição (1 Co 6:13-15). Por meio de seus escritos, compreendemos que se Deus valoriza tanto o corpo a ponto de restaurá-lo e ressuscitá-lo para a eternidade, os cristãos devem preservá-lo. Essa verdade traz implicações não apenas para a sexualidade, mas também para a saúde. O próprio fato do ser humano ser uma pessoa completa e inseparável (corpo e mente), implica que o corpo tem valor e que devemos adotar uma atitude positiva em relação a ele. Assim a esperança cristã da ressurreição é uma esperança que promove a vida e o cuidado com o corpo no presente.

- b. Como Jesus ressuscitou, cada pessoa pode desenvolver uma atitude mais apropriada e realista em relação à morte. Ela não é nossa amiga, não faz parte natural da vida e também não é uma passagem para outra vida. A morte é um inimigo, um intruso, contudo um inimigo derrotado. As “vitórias” temporárias da morte não prevalecerão. Essa visão realista sobre a morte, ajuda homens e mulheres a evitar outras armadilhas, como por exemplo, a prática mediúnica e tentativa de se comunicar com os mortos, pois, se não existe alma imortal e os mortos se encontram em um estado de sono inconsciente, toda essa suposta comunicação não passa de uma fraude.
- c. Graças a ressurreição de Cristo, cada pessoa pode desenvolver uma atitude realista para com a vida e o trabalho no mundo presente. A esperança que é esperança, não descuida do tempo presente. Ela impulsiona a pessoa a trabalhar pela vida presente e pelo bem-estar do seu semelhante. Viver assim é estar participando da última obra de Deus, até o ponto de arriscar a própria vida por causa do reino, pela confiança que tem de que se a perder, Deus a ressuscitará. Aqueles que são conscientes acerca da ressurreição consideram a vida valiosa, mas não suprema. Pensam ser a vida um dom, para ser acolhido e valorizado, mas não para ser egoisticamente conservado ao preço de violar a responsabilidade para com Deus e os outros. Os cristãos entendem que são livres para se engajar no serviço com Cristo e para Cristo, mesmo que isso signifique ser fiel até a morte. Eles podem ter plena confiança de que há realmente uma coroa, que será a vida eterna. Fazer menos do

que isso é retroceder para a velha existência “carnal” e para a morte. Mas entregar a vida em serviço na esperança da ressurreição já é participar da própria vida (Jo 3:14).

III. A RESSURREIÇÃO DE JESUS: LIBERTOS ENFIM (1 CO 15:22-28)

- a. A ressurreição de Jesus nos trouxe a garantia de total libertação. Por intermédio de Adão a morte chegou até nós, mas por intermédio de Jesus a vida chegou a ser novamente a esperança de vida eterna. Ele ressuscitará e glorificará os mortos justos e transformará os justos vivos por ocasião de Sua segunda vinda.
- b. A imortalidade é dada aos salvos como um dom por ocasião da segunda vinda de Jesus. Não ficam mais doentes, não envelhecem, não têm mais problemas de saúde, não sentem medo, angústia, preocupações, incertezas e aflições. Os salvos serão glorificados física e espiritualmente.
- c. Os túmulos de Buda, Confúcio, Maomé e Alan Kardec podem ser visitados, os resquícios de seus corpos ainda estão lá, mas o túmulo de Jesus não, ele está vazio, porque Ele ressuscitou. A ressurreição de Cristo é a pedra angular da fé cristã, a coluna mestra do cristianismo.
- d. Jesus é a chave para a vida do crente, Ele vive em nosso coração pelo Espírito Santo. O apóstolo João anuncia: “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:12-13).

CONCLUSÃO

A ressurreição de Jesus foi um fato anunciado e confirmado pela Bíblia. Sem ela, nossa fé e o evangelho perderiam sua força e o seu poder. Tendo Cristo ressuscitado, cada pessoa pode desenvolver uma atitude positiva e mais compreensiva em relação ao corpo, a morte, a vida e o trabalho no tempo presente. Jesus ressuscitou, por isso, Ele ressuscitará e glorificará os mortos justos e transformará os justos vivos por ocasião de Sua segunda vinda.

APELO

O pecado manchou a criação, mas o plano da salvação trouxe na pessoa de Jesus a solução final. O mesmo poder que trouxe a existência o universo vai restaurar todas as coisas em um novo Céu e uma nova Terra. A segunda vinda de Jesus reverte os resultados da transgressão da humanidade. A encarnação, a morte e a ressurreição de Jesus são garantias de que Seu ministério foi perfeito em nosso favor e que seremos libertos finalmente do pecado e da morte. Quero deixar uma pergunta para sua reflexão: Você será enfim liberto? A decisão está em suas mãos.

Pr. Sidnei Silva Mendes
Ministério Pessoal - USB

[illegible]

The image shows a single page from a notebook. At the top center, the word "NOTAS" is printed in a bold, black, sans-serif font. Below the title, the page is filled with horizontal ruling lines, spaced evenly apart. The background of the entire page is a light gray, featuring a subtle, faded pattern of tree foliage and branches, giving it a naturalistic feel. In the bottom left corner, there is a small, dark rectangular box containing the text "56 | Semana Santa 2018" in a white, sans-serif font.



Igreja Adventista
do Sétimo Dia